

PEA-UNESCO

Revista do Programa de Escolas Associadas da UNESCO no Brasil

Vai começar o maior Encontro Nacional do PEA

Ano 9 | nº 11 | Setembro 2017



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Coordenação Brasil



Escolas Associadas da UNESCO

Mudanças Climáticas:
o que nossas escolas podem fazer



Myriam Tricate

Coordenadora Nacional do Programa de Escolas Associadas da UNESCO no Brasil

O PEA e suas raízes

Todos os que participam do Programa das Escolas Associadas no Brasil sabem: o PEA vem crescendo, ampliando suas ações, tornando-se mais e mais diversificado. Crescemos em número de escolas e de projetos. Aprofundamos nossa ação em temas estratégicos da UNESCO e também consideramos em nosso planejamento o calendário da UNESCO, celebrando dias, anos, décadas internacionais.

Tal complexidade de atuação soma-se ainda a um conjunto de iniciativas propostas pela Coordenação Internacional, desde o ano passado, que envolve uma avaliação global do programa, novos projetos e discussões sobre os fundamentos deste programa tão importante da UNESCO – como a que recentemente aconteceu na China (veja nesta edição).

Este é um cenário rico, vivo, saudável, mas que traz também um alerta de suma importância: não podemos nos distanciar do coração de nossos princípios, sobre as raízes do PEA. Afinal, o que significa ser uma escola associada da UNESCO? Esta pergunta precisa estar presente em nossos planejamentos e influenciar nossas ações.

É preciso estudar e conhecer a ONU e a UNESCO, saber da história dessas organizações cuja importância cresce no preocupante cenário internacional. Uma escola associada deve obrigatoriamente saber que, por pertencer à Rede, deve estar alinhada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e à Agenda da Educação 2030. Carregar a marca da UNESCO é uma honra que demanda um alinhamento rigoroso de princípios e ações, ou nos distanciaremos das razões pelas quais o PEA foi criado.

Não por acaso nos denominam embaixadores da UNESCO. É pela educação que seremos capazes de disseminar para as novas gerações a cultura da paz real, concreta, capaz de gerir conflitos; a lógica complexa da sustentabilidade, que vai muito além do mundo econômico e chega aos hábitos de consumo de cada um; e a noção de que somos, sim, cidadãos de uma mesma e imensa polis: a Terra.

Todos estes temas fazem parte desta edição especial da Revista do PEA. Leiam, divulguem entre os professores, estudem. Estamos entrando em uma nova fase de nosso trabalho.

Boa leitura! E parabéns para todos nós!

PEA UNESCO

COORDENAÇÃO BRASIL

Myriam Tricate
Colégio Magno

Coordenação regional – Amazonas

Colégio Nilton Lins
Emmanuelle Lins

Coordenação regional – Ceará

Organização Educacional Farias Brito
Tales Montano de Sá Cavalcante

Coordenação regional – Distrito Federal

Colégio Presbiteriano Mackenzie Internacional
Walter Eustáquio Ribeiro

Coordenação regional – Goiás

E M Prof. Deushaydes R. de Oliveira
Erislene Martins da Silveira

Coordenação regional – Minas Gerais

Colégio Magnum Agostiniano
Eldo Pena Couto

Coordenação regional – Paraíba

Colégio Motiva
Carlos Antônio Barbosa de Oliveira

Coordenação regional – Paraná

Colégio Opet
Adriana Karam Koleski

Coordenação regional – Pernambuco

Giovanna de Melo Pessoa

Coordenação regional – Rio de Janeiro

Creche Escola Criança e Cia
Maria Cecília Ani Cury

Coordenação regional – Rio Grande do Sul

Colégio Maria Auxiliadora
Irmã Maria Madalena Uliana

Coordenação regional – Rio Grande do Norte

CEI – Centro de Educação Integrada
Maria Lucia Andrade de Azevedo

Coordenação regional – São Paulo

Colégio Guilherme Dumont Villares
Eliana Baptista Pereira Aun

Coordenação regional – Santa Catarina

Centro Educacional Menino Jesus
Irmã Marli Catarina Schindwein

Articulador de Redes Públicas

Luiz Cruz

UNESCO

REPRESENTANTE DA UNESCO NO BRASIL

Marlova Jovchelovitch Noleto

COORDENADORA DE EDUCAÇÃO

DA UNESCO NO BRASIL

Maria Rebeca Otero Gomes

ASSISTENTE DA COORDENAÇÃO

DE EDUCAÇÃO

Andrezza Trentino

Edição e Textos

Paulo de Camargo
Roberta Ibañez

Produção Gráfica

Fernando Neves de Andrade

Imagens

Escolas associadas do PEA

Japão: João Paulo Salgueiro

iStock Photo

Envato Elements

Foto da capa: Escola Cours Sanite Marie de Hann, Dakar, Senegal

Cartas devem ser enviadas para: Rua Duque Costa, 164 – Jardim Marajoara São Paulo – SP
CEP 04671-160 – Brasil

www.peaunesco.org.br

06



- 03 **Editorial:**
O PEA e suas raízes
- 05 **Nós somos o PEA!**
O PEA vai às
- 06 **Cataratas do Iguaçu**
- 08 Programação do
Encontro Nacional
- 10 PEA chega a
364 escolas associadas
- 12 **No caminho certo**
- 13 **Retrato do Brasil**
- 14 **Diversidade em rede**
Rede de apoiadores viabiliza
- 16 **Encontro Nacional**
- 17 **Kits de Ciências** chegam às
escolas públicas associadas
- 20 O PEA mostra **a sua cara**
- 24 Avaliação internacional da
rede PEA
- 26 De frente para o **Clima**
- 30 PEA no **Japão**
- 35 Coordenadores **Nota 10**
- 38 Tecnologias móveis na sala de
aula: **problema ou solução?**
- 40 **Nossa missão**
escolas associadas
- 41 **Década Internacional**
de Afrodescendentes
- 42 **Sala Global 2016,**
o Zeitgeist do Século XXI
- 47 **Escola pública do PEA**
é uma das mais sustentáveis
- 48 Oficinas de linguagem:
**rimas, poesia, jogos
de adivinhação**
- 49 **Casa Familiar Rural** recebe
apoio do Criança Esperança
- 50 Artigo do patrocinador:
A nova Escola
- 52 Artigo do patrocinador:
**Ambientes colaborativos
de aprendizagem**
- 54 Um evento digno dos
20 anos do PEA
- 60 O PEA vai à **Finlândia**
- 66 Ano termina com o **pé direito**
- 68 Artigo do patrocinador:
Educação Bilíngue



Nós somos o **PEA!**

O Programa das Escolas Associadas (PEA) é o braço da UNESCO nas escolas de educação básica de todo o mundo.

Criada em 1953, a Rede PEA une 10 mil escolas de 181 países em torno de princípios difundidos pela UNESCO, entre eles o de construir a cultura da paz, promover a educação para o desenvolvimento sustentável e formar gerações conscientes de seu papel como protagonistas de uma cidadania global.

Concebida como polo difusor de inovação e qualidade na Educação, a Rede PEA deve contribuir ativamente para a conquista dos objetivos definidos pela Agenda da Educação 2030.

Uma escola associada da UNESCO se caracteriza como um laboratório de ideias, que promove novas abordagens de ensino e aprendizagem baseadas nos valores e prioridades da UNESCO. Apresenta-se, também, como um polo de formação e aprendizagem colaborativa, permitindo aos diretores das escolas, professores, estudantes e a comunidade escolar integrar os valores da UNESCO e se tornar modelos em sua comunidade.

Por fim, a rede PEA oferece a seus integrantes uma incrível oportunidade para trocar experiências, ideias, conhecimentos e boas práticas – no âmbito regional, nacional e planetário. Para saber como participar dessa rede, acesse www.peaunesco.org.br. 

364

Escolas associadas no Brasil (2ª maior rede)

342 MIL

alunos de educação básica

26,1 MIL

professores

181

países em todos os continentes

10 MIL

escolas no mundo

O PEA vai às Cataratas do Iguaçu

Encontro Nacional de 2017 deverá ser o maior evento da história do Programa

Conhecida por abrigar uma das 7 novas maravilhas do planeta, Foz do Iguaçu receberá a visita de um grupo muito especial de educadores: os representantes das escolas associadas da UNESCO. Afinal, é lá que vai acontecer o Encontro Nacional do PEA.

O Encontro acontecerá nos dias 27, 28 e 29 de setembro, no Hotel Bourbon, e terá as marcas características dos eventos do PEA: a qualidade da programação, as possibilidades de convívio e troca de experiências e vivência cultural. Neste ano, haverá ainda um charme a mais: todos os presentes participarão de um tour orientado pela Itaipu Binacional, uma das maiores hidrelétricas do planeta.

A escolha por Foz de Iguaçu nasceu da busca por um local

ligado às questões contemporâneas da sustentabilidade e, ao mesmo tempo, que fosse viável para garantir o maior número de educadores, pela facilidade de acesso e pelas condições de pagamento (veja no quadro).

Da mesma forma, a Coordenação Nacional conseguiu novamente fechar uma parceria com a companhia aérea LATAM, garantindo 25% de desconto para as passagens adquiridas.

Evento é o primeiro sem escola-anfitriã

O Encontro Nacional de Foz do Iguaçu tem algumas características especiais, a começar do fato de que é o primeiro a ser realizado sem o apoio de uma escola-anfitriã, já que a

cidade ainda não tem instituições associadas.

Por isso, foi essencial o apoio de parceiros, como Ana Gabriela Simões Borges, superintendente do Instituto Grupo Paranaense de Comunicação (IGPRCOM). O Grupo está presente em todo o Paraná, e comanda a Gazeta do Povo, bem como as emissoras afiliadas da Rede Globo.

A partir de Curitiba, a coordenadora regional Adriana Karam e a diretora Ana Maria Lima Zem, da Escola Nilza Tartuce, também ofereceram importante contribuição, especialmente na parceria com a Itaipu Binacional.

O trabalho conjunto possibilitará a realização de um encontro nacional com a mesma qualidade, em todos os aspectos. ◊

Evento terá foco NAS TEMÁTICAS DA UNESCO

Como todos os demais eventos já realizados pelo PEA, o Encontro Nacional de Foz de Iguaçu também terá suas marcas próprias. Neste ano, a principal orientação da programação é refletir de forma muito próxima as diretrizes globais da Rede PEA, definidas pela Coordenação Internacional, bem como as prioridades da UNESCO, como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e a Agenda 2030.

Essa preocupação está presente desde a conferência de abertura, que ficará sob responsabilidade do cientista Paulo Artaxo Netto, da Universidade de São Paulo. Artaxo Netto falará sobre o tema das mudanças climáticas, que está no centro das preocupações do PEA. Da mesma forma, no dia seguinte, as atividades se iniciam com um retrato atual do programa brasileiro, seguido da apresentação da Coordenadora de Educação da Representação da UNESCO no Brasil, Maria Rebeca Otero Gomes.

A temática global da UNESCO estará também contemplada em outros momentos, como no caso da dupla que falará sobre o tema dos refugiados – o palestino Aziz Abu Sarah e Edgard Raoul Gomes Neto, brasileiro que atuou em campos sírios, recentemente. Esta é uma das faces críticas dos desafios da cidadania global que muitas vezes não estão contempladas no trabalho das escolas.

Temas específicos do PEA

Além de incorporar os temas centrais da UNESCO, no entanto, o Encontro Nacional tem um papel mais amplo. Cabe ao Encontro estimular as escolas a conhecer e participar dos rumos do programa. Este é o caso do necessário fortalecimento das parcerias possíveis entre escolas públicas e privadas, tema de uma mesa em que participará o pesquisador Fernando Abruccio, da FGV, para conjugar os pontos de vista de representantes de escolas públicas e privadas.

Ao mesmo tempo, o Encontro Nacional de Foz de Iguaçu terá uma ênfase importante na troca de informações entre as escolas, na seção Vivências e Experiências. Estão representadas escolas de todo o Brasil, retratando a grande diversidade do programa hoje.

Por fim, um grande evento tem o dever de inspirar as escolas a um olhar mais abrangente sobre a importância da Educação. Por isso, a conferência de Cristovam Buarque está entre as mais aguardadas. Ex-ministro, escritor, senador da República, Buarque é uma das personalidades mais importantes da educação brasileira, e vai trazer ao público presente a visão da importância da educação na construção do mundo do futuro, em uma mensagem de encorajamento e inspiração. 

Temas atuais da UNESCO

27 de Setembro

10h: REUNIÃO
Reunião de Coordenadores Regionais

12h: ALMOÇO

14h: CREDENCIAMENTO

15h: CONFERÊNCIA INAUGURAL
Desenvolvimento sustentável, mudanças climáticas e outras verdades inconvenientes



Paulo Artaxo Netto, pesquisador da Universidade de São Paulo.

16h30: CERTIFICAÇÃO DAS NOVAS ESCOLAS

19h: CERIMÔNIA DE ABERTURA

- Composição da mesa de abertura;
- Execução do Hino Nacional, com participação de alunos da Escola Nilza Tartuce (Curitiba-PR);
- Apresentação do Coral do Colégio Benjamin Constant (São Paulo-SP).

20h30: COQUETEL

28 de Setembro

8h: PALESTRA
PEA-UNESCO: quem somos hoje



Myriam Tricate, Coordenadora Nacional do PEA no Brasil.

9h: PALESTRA
Desafios da UNESCO no mundo e no Brasil: ODS e a nova agenda 2030



Maria Rebeca Otero Gomes, Coordenadora de Educação da UNESCO no Brasil.

9h30: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS

Escolas da diversidade: o PEA refletindo a riqueza da educação brasileira

Escola Quilombola Águas do Velho Chico (PE) e Escola Indígena Tenente Antônio João (AM)

10h: COFFEE-BREAK

10h30: MESA-REDONDA PONTO DE VISTA
O desafio da parceria entre escolas públicas e privadas



Fernando Abruccio, pesquisador da Fundação Getúlio Vargas (FGV).



Marília Lovatel, Organização Educacional Farias Brito (CE).



Audrey Beserra de Brito, diretora escolar da rede pública (SP).



Carmen Lucia B. Valle é Assessora Especial do Secretário de Estado da Educação de São Paulo.

12h: PATROCINADOR
Colégio Benjamin Constant

12h20: ALMOÇO

14h: PATROCINADOR
Nuvem Mestra/Google

14h20: PALESTRA
A Educação para a construção do futuro



Cristovam Buarque, engenheiro, economista e educador, ex-reitor da Universidade de Brasília e do Distrito Federal, ex-ministro da Educação e duas vezes Senador da República, com mandato até 2018.

orientam programação

29 de Setembro

15h20: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS:

Escolas participantes do projeto Mudanças Climáticas: por uma Abordagem Institucional Integral.

Escola da Colina (PR) e Ginásio Orsina da Fonseca (RJ)

16h: COFFEE-BREAK

16h30: PALESTRA
É possível fazer diferente!



Professores Wemerson da Silva Nogueira (ES) e Valter Pereira de Menezes (AM), finalistas do Prêmio Global Teacher Prize.



17h30: PATROCINADOR

Educate by Richmond

20h30: JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO DO PEA

Jantar na churrascaria Rafain, com show multicultural, apresentando ritmos e canções representativas dos povos latino-americanos.

8h: PALESTRA
Escolas inovadoras, criativas e... brasileiras!



Caio Dib, jornalista e autor do livro Caindo no Brasil: uma viagem pela diversidade da educação.

8h40: MESA-REDONDA
PONTO DE VISTA

Escolas conectadas para a cidadania global: como a videoconferência pode turbinar a sua escola



Valdenice Minatel (Colégio Dante Alighieri-SP).



Silmara Rascalha Casadei (Colégio Porto Seguro-SP).



Moisés Zylbersztajn (Colégio Santa Cruz-SP).

9h30: PATROCINADOR
International School

9h50: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS

O PEA nos quatro cantos do Brasil: projetos das escolas da UNESCO em diferentes contextos regionais

Colégio Vértice (SP), Colégio Conexão Aquarela (AP) e Associação Pedagógica Waldorf de Várzea da Roça (BA).

10h40: COFFEE-BREAK

11h: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL
Ser refugiado: uma história de vida



Edgard Raoul Gomes Neto, advogado, pesquisador em Direitos Humanos, voluntário oficial

da Organização New York Cares.



Aziz Abu Sarah, educador cultural e explorador da National Geographic.

Co-fundador da Medji Tours, empresa social fundada na educação cultural.

12h15: ALMOÇO

13h: VISITA À ITAIPU

PEA chega a 364 escolas associadas

Em meados de março, um e-mail enviado pela Coordenação Internacional do PEA, em Paris, trouxe uma notícia feliz: 77 escolas brasileiras que aguardavam a certificação foram confirmadas como novas associadas do programa no Brasil. Os certificados físicos

serão entregues em um momento especial, no próximo Encontro Nacional do PEA.

O crescimento do Programa, que agora tem 364 associadas, já seria em si, uma boa notícia. Afinal, em um país de dimensões continentais, o PEA precisa representar todas as regiões e todos os Estados. Mas, as novas certificações concedidas têm outros significados ainda mais importantes.

O PEA saiu do eixo Rio-São Paulo e chegou a todo o Brasil. Só faltam quatro Estados, que devem entrar em futuras certificações.

Em primeiro lugar, a grande maioria das instituições certificadas agora pertence à rede pública. São escolas estaduais e municipais com diferentes características, localizadas nas capitais e interiores, atendem a crianças e adolescentes, e incluem também uma escola quilombola.

Historicamente, o PEA teve maior presença da rede particular. Isso ocorreu por diversos fatores, como a dificuldade de participação das escolas públicas, a rotatividade de diretores e, em especial, a falta de suporte das secretarias.

Nos últimos anos, a Coordenação Nacional vem trabalhando intensamente em diversas frentes, especialmente, para conseguir o compromisso dos gestores das redes públicas para apoiar, reconhecer e valorizar a presença das escolas no PEA-UNESCO.

Um exemplo claro é o caso de São Paulo, que terá 9 novas escolas públicas estaduais certificadas, somando um total de 17 instituições. Há 3 anos, não havia nenhuma representante na rede do Estado. Após o grande esforço feito, formou-se um grupo atuante e uma relação de cooperação entre São Paulo e o PEA.

Mais recentemente, o PEA vem estimulando cada vez mais as parcerias entre rede pública e particular, e esse será um dos temas principais do Congresso de Foz do Iguaçu. 



Bem-vindos **ao PEA!**

Alagoas

- Escola Professora Maria José Clemente Rocha
- Escola Municipal Silvestre Péricles
- Escola Municipal Paulo Henrique Costa Bandeira
- Escola Dra. Elizabeth Anne Lyra Lopes de Farias

Ceará

- Escola Manoel Rocha

Distrito Federal

- Centro Interescolar de Línguas de Taguatinga

Pernambuco

- Escola Estadual Domingos Albuquerque
- Escola Referência Ensino Médio Tito Pereira de Oliveira
- Escola Técnica Estadual Epitácio Pessoa
- Escola Ministro Jarbas Passarinho
- Escola Referência Ensino Médio Simon Bolívar
- Escola Referência Ensino Médio Sofrônio Portela
- Escola Referência Ensino Médio Deputado Oscar Carneiro
- Escola Municipal Professor Antônio de Brito Alves
- Escola Referência Ensino Médio Alzira da Fonseca Breuel
- Escola Estadual Professor Antônio Carneiro Leão
- Escola Municipal Professor Florestan Fernandes
- Escola Municipal Arraial Novo de Bom Jesus
- Escola Municipal Octávio de Meira Lins
- Centro Municipal de Educação Infantil Nosso Senhor Jesus do Bonfim
- Centro Municipal de Educação Infantil 08 de Março
- Escola Referência Ensino Médio Professor Epitácio André Dias
- Escola Professor Agamenon Magalhães
- Escola Municipal Quilombola Águas do Velho Chico
- Escola Estadual José Mário Alves da Silva

Piauí

- Centro Educacional Objetivo Teresina
- Casa Meio Norte

Rio de Janeiro

- Ciep Presidente Agostinho Neto
- Ciep Dr. Adelino da Palma Carlos
- Ciep João Batista dos Santos
- Colégio Estadual Erich Walter Heine
- Escola Carolina Patricio
- Escola Municipal André Urani
- Escola Municipal Holanda
- Escola Municipal Professor Afonso Várzea
- Escola Municipal Rodrigues Alves
- Escola Municipal Von Martius
- Escola Técnica Estadual Ferreira Viana
- Ginásio Carioca do Samba Chile

Rio Grande do Norte

- Castelo Escola
- Centro Infantil Jacy Ferreira de Castro
- Colégio Pequeno Príncipe

Rio Grande do Sul

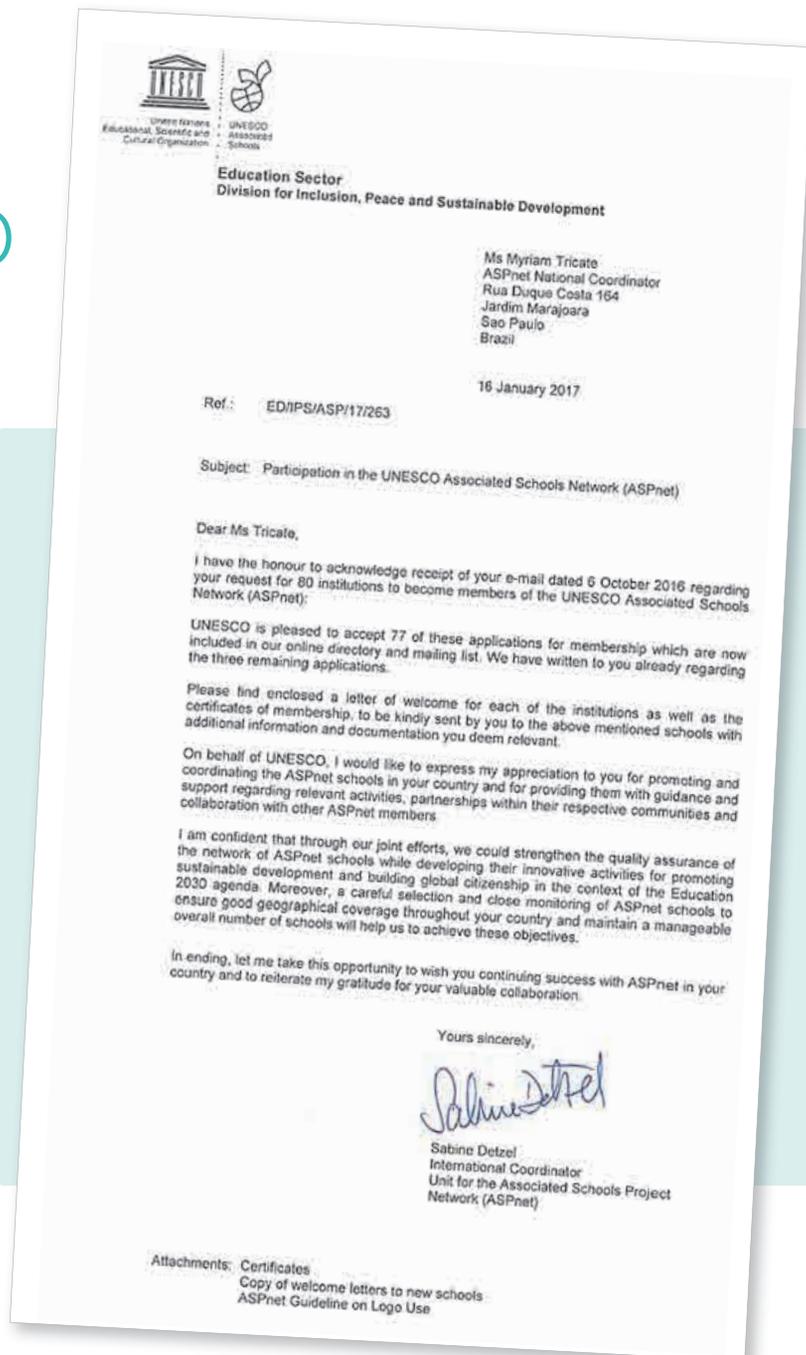
- Emei Borges de Medeiros
- Escola de Ensino Fundamental Nossa Senhora Estrela do Mar
- Escola Municipal de Educação Infantil Jardelino Peroni
- Escola Municipal de Educação Infantil Peixinho Dourado
- Escola Municipal de Ensino Fundamental Madre Felicidade
- Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Mendes

São Paulo

- Escola de Educ. Inf. Acalanto-Anglo Acalanto
 - Bcb Escola de Educação Infantil
 - Building Escola de Educação Infantil
 - Centro de Estudos Júlio Verne
 - Centro Educacional Objetivo - Baixada
 - Colégio Anglo Morumbi
 - Colégio Belo Futuro Internacional
 - Colégio da Villa
 - Colégio Horizontes
 - Colégio Lírio do Vale
 - Colégio Nossa Senhora das Dores
 - Colégio Salgueiro
 - Colégios Univap - Unidade Villa Branca
 - Escol Estadual Maria Regina Demarchi Fanani
 - Escola Estadual Professor Fernando Milano
 - Escola Estadual Professor Paulo Kobayashi
 - Escola Estadual Dr. Ervin Horvath
 - Escola Municipal Infante Dom Henrique
 - Escola Estadual Força Aérea Brasileira
 - Escola Estadual João Ramalho
 - Escola Estadual República do Paraguai
 - Escola Estadual Victor Civita
 - Escola Estadual Professor Odarico Oliveira Nascimento
 - Escola Técnica Estadual João Belarmino
 - Instituto Castelo de Educação
 - Instituto Educacional e Cultural Paideia
 - Playpen Escola Cidade Jardim
 - Boomit
- ### Sergipe
- Colégio Amadeus

No caminho certo

A mensagem enviada pela Coordenadora Internacional, Sabine Detzel, para comunicar a certificação das novas escolas indica que o PEA vem se alinhando às expectativas do Programa. Na carta, enviada também à Embaixada do Brasil na UNESCO e outras autoridades, Sabine reforça pontos fundamentais na estratégia de crescimento do PEA no Brasil, em especial a preocupação com a inserção de escolas públicas e a busca por maior representatividade nacional – hoje, há apenas quatro Estados sem escolas associadas ao Programa. Mas, acima de tudo, Sabine expressa confiança na rede brasileira e no trabalho permanente de inovação e busca da qualidade, de forma alinhada com a Agenda da Educação 2030.



Escolas são descredenciadas

Ao mesmo tempo em que a rede PEA celebrou a adesão de novas escolas associadas, é importante lembrar que o Programa continua a exigir a reafirmação do compromisso, por meio da entrega do pré-projeto e do relatório de atividades,

ambos em versão bilíngue. Estes são os dois únicos compromissos formais do PEA, que vêm sendo cumpridos pela maior parte das instituições. Contudo, aquelas que deixam de entregá-los por dois anos consecutivos tornam-se passíveis de descredenciamento.

Isso é o que vem acontecendo regularmente. Neste momento, por exemplo, o PEA brasileiro solicitou a Paris o desligamento de cerca de dez escolas que, mesmo após reiterados pedidos, deixaram de cumprir com esse compromisso, por diferentes razões.

Retrato do **Brasil**

Um dos grandes desafios do PEA brasileiro sempre foi a representatividade. Afinal, não basta realizar um ótimo trabalho dentro dos valores da UNESCO. É necessário assegurar a presença da escola pública, envolver os gestores da Educação estadual e municipal, formar uma rede de parceiros que viabilize novos projetos, motivar os educadores a fazer mais e melhor. “Devemos ampliar o conhecimento e o reconhecimento da sociedade brasileira sobre a UNESCO, o PEA e os princípios que definem o Programa”, diz a Coordenadora Nacional, Myriam Tricate.

Tudo isso está demonstrado no Encontro Nacional do PEA, em Foz de Iguaçu. Veja alguns dos números do evento, até o fechamento desta edição.

Maior presença da rede pública

Mais de 100 escolas públicas e 19 organizações sociais, entre as 264 instituições presentes.

O PEA não faz distinção entre rede pública e particular, mas vem trabalhando muito para ampliar o papel da rede como uma catalisadora de inovação e qualidade na educação pública. Daí a importância das parcerias realizadas. O número de inscritos desta edição é resultado desse esforço.

Maior número de autoridades confirmadas

10 prefeitos, secretários e outros gestores municipais e estaduais da Educação de diferentes estados brasileiros com presença confirmada.

A participação dos gestores é considerada essencial pelo PEA, pois isso simboliza o apoio das redes públicas às escolas associadas. Sem esse apoio, as escolas públicas enfrentam dificuldades para se manter no programa.

Maior presença internacional

O Encontro Nacional de Foz de Iguaçu marca também a maior participação internacional nos encontros do PEA e simboliza o movimento de aproximação com os países vizinhos. Neste ano, estarão presentes

6 representantes internacionais:

María Florencia Noya Dive, Comissão Nacional da UNESCO na Argentina; Carmen Orguet, Comissão Nacional da UNESCO no Uruguai; Aníbal Zapattini, Comissão Nacional da UNESCO no Paraguai; Francisca Benitez de Gaete, Coordenadora Rede PEA do Paraguai; Fátima Claudino, da Comissão Nacional da UNESCO de Portugal e Rufina Moreno Cañizares, coordenadora da Rede PEA da Espanha.

Celebrar as diferenças

A educação é um espelho expressivo da enorme diversidade cultural, social e étnica brasileira. O PEA vem trabalhando muito para representar esse patrimônio da multiculturalidade. Se há até alguns anos, a maior parte da rede era formada por escolas particulares urbanas, hoje o PEA se orgulha por abrigar escolas urbanas e rurais, de capitais e do interior, que atendem a populações indígenas, quilombolas, instaladas em áreas socialmente vulneráveis. Escolas que, enfim, representam o Brasil. Neste Encontro Nacional de Foz do Iguaçu, a seção Vivências e Experiências, que está entre as mais valorizadas pelas escolas, foi dedicada a refletir essa grande diversidade.

Uma viagem ao interior da Amazônia

Garantir a presença da Escola Indígena Tenente Antônio João (AM) ilustra bem os desafios vividos pela educação brasileira nas regiões mais distantes e inacessíveis. São 3 horas de avião de Manaus a São Gabriel da Cachoeira, seguida de mais 6 horas de barco pelo Rio Negro até o distrito de Cucuí. Pois é aí, no meio das águas e da floresta amazônica que funciona esta escola dirigida pelo educador Carlos Sávio Gonçalves Gaspar.

Da etnia Baré, Carlos foi aluno de Ensino Fundamental da escola que hoje dirige com orgulho. Depois, cursou Ciências Sociais na Universidade Federal do Amazonas.

No Encontro Nacional, Carlos vai mostrar vídeos e fotos que contam a rotina desta que é uma das 2,8 mil escolas indígenas brasileiras.

Essa é uma grande conquista da educação brasileira nos últimos anos. Há algumas décadas, uma trajetória como a de Carlos não seria possível. Hoje, dos 12 mil professores indígenas, cinco mil já têm curso superior ou fazem cursos de graduação. Trata-se de uma educação que foge ao padrão conhecido nas cidades. Para que se tenha ideia, o Brasil tem mais de 200 povos indígenas, cada um com suas tradições, sendo 180 línguas diferentes.



Escola Quilombola: Águas do Velho Chico

No interior de Pernambuco está um dos orgulhos da educação quilombola: a Escola Águas do Velho Chico, que em 2017 recebe seu certificado de adesão ao PEA. Assim

como o ensino indígena, a educação quilombola foi uma conquista recente da sociedade brasileira – e está no começo de sua jornada.

No Brasil, há pelo menos 1,3 mil

comunidades remanescentes de quilombos. Nessas áreas, existem 151 mil alunos matriculados, em pouco mais de mil escolas.

A Escola Águas do Velho Chico trará ao PEA a riqueza dos saberes tradicionais e do diálogo intercultural. De acordo com a coordenadora regional do PEA em Pernambuco, Giovanna Melo, as comunidades quilombolas em Orocó carregam consigo e ainda praticam os costumes de seus antepassados, como o do uso das plantas medicinais, bem como danças, artesanatos, festas e tradições culturais.

A figura dos mestres – sábios anciãos da comunidade – é um dos tesouros a serem resgatados, como vai mostrar o vídeo preparado especialmente para ser exibido no Encontro.



Rede de apoiadores viabiliza realização do **Encontro Nacional**

Realizar um Encontro Nacional é uma operação complexa, em todos os sentidos. Na logística – pois são eventos que rodam o País –, no planejamento técnico-pedagógico, na organização operacional e, claro, também no financiamento. Por isso, realizar um evento que hoje se coloca entre os maiores do País, na Educação, requer a formação de uma rede consistente de parceiros. O evento de Foz de Iguaçu traz entre suas marcas também o maior grupo de apoiadores.

Vale sempre lembrar, porém, que isso não confere ao Encontro um caráter comercial. Na verdade, todos os parceiros são convidados a pensar em contrapartidas na forma de apoio direto às escolas associadas, especialmente da rede pública. Ao mesmo tempo, tudo é pensado para que não haja invasão da privacidade dos congressistas e não contrarie os princípios e valores da UNESCO.

No Encontro Nacional de 2017, foram definidas com os apoiadores ações diretas com as escolas

públicas. É o caso da Nave a Vela, que oferecerá formação de professores para a rede pública no campo da cultura maker, uma das principais tendências de inovação pedagógica atualmente.

Além disso, haverá sorteios para que todo o público possa conhecer melhor os parceiros e aproveitar oportunidades incríveis. Estão entre os itens viagens de intercâmbio ao exterior, drone, kits de robótica, licença para uso de plataformas pedagógicas, passagens, entre outros. 

Veja no quadro abaixo e não deixe de visitar os estandes para concorrer

Cel Iep	1 intercâmbio de uma semana para o Canadá com passagem aérea incluindo acomodação, taxas da escola, taxas de acomodação, material didático e taxa de embarque
Educate/Richmond	4 kits de brindes
Educateen	1 intercâmbio de duas semanas em Toronto/Canadá para 2018 incluindo matrícula, curso de inglês intensivo, Material didático, Certificado Internacional, Acomodação, Café da manhã e jantar, seguro viagem e suporte da equipe
Exp	1 drone
Geekie	1 licença de Geekie Lab para uma turma de ensino médio de até 50 alunos (uso para 2018) 1 aplicação de Geekie Teste Enem para uma turma de ensino médio de até 50 alunos (uso para 2018)
Grupo a	30 livros
Guten	3 kits de brindes
International school	1 kit Lego <i>We Do</i>
Life Intercâmbios	Kits de brindes
National geographic	10 kits de brindes
Positivo	2 kits Lego Education: 1 <i>We Do</i> e 1 <i>Construindo Emoções</i>

Kits de Ciências

chegam às escolas públicas associadas

Não faz parte do escopo do Programa das Escolas Associadas o envio de recursos financeiros para as escolas. Mas, em todas as parcerias que realiza, o PEA sempre procura abrir portas, criar oportunidades e oferecer recursos pedagógicos inovadores para as escolas públicas. Este foi o caso do Projeto Experimento, em parceria com a Fundação Siemens. Neste ano, 32 escolas públicas do PEA já receberam formação para utilizar ricos kits científicos.

Tão importante quanto os materiais é a formação continuada, atualizando os professores sobre a importância da educação científica e as estratégias que podem ser utilizadas, com materiais simples, para a realização de experiências.

O primeiro passo foi a capacitação dos multiplicadores, durante dois dias, no Colégio Porto Seguro,

em São Paulo. Para isso, os coordenadores regionais e a parceria entre escolas privadas e públicas foram fundamentais. Foram os coordenadores que enviaram professores ou estiveram pessoalmente na primeira formação, para depois replicar os conhecimentos em seus locais de origem.

Os kits começaram a chegar e os trabalhos já começaram em 28 escolas. Em muitos lugares, os recursos foram recebidos com festa. No município de Imbé, no Rio Grande do Sul, o próprio prefeito, Pierre Emerim, participou da solenidade de recepção. De Norte a Sul, a festa se repetiu. “A Escola Estadual Dom Velloso só tem a agradecer. É um material tão rico que com certeza foi e continuará sendo multiplicador de aprendizagens significativas, diz o diretor Rafael Lara, de Minas Gerais.



O trabalho é acompanhado de perto pela Fundação Siemens. As escolas agora enviam relatórios sobre as atividades que serão realizadas neste e no próximo ano, renovando o ensino de ciências. São incontáveis experiências sobre fenômenos naturais, saúde humana, ambiente. Para centenas de crianças de todo o Brasil, é uma janela aberta para o século XXI. 



Em Imbé (RS), o próprio prefeito recebeu os kits.



O trabalho no laboratório empolga os alunos.



Bringing the world to the classroom
and the classroom to life

Explore o Mundo com a National Geographic Learning!

Nossa missão é trazer o mundo para a sala de aula e a sala de aula para a vida.

Visite nosso estande no Encontro Nacional da Escolas Associadas da Unesco,
Foz do Iguaçu de 27 a 29 de setembro.

Transforme a experiência e os resultados de leitura dos alunos

A leitura é uma competência fundamental para o bom aproveitamento de todas as disciplinas e fontes de conhecimento.

A necessidade atual de mudança nas estratégias de ensino e aprendizagem fica evidente quando vemos um leitor ser capaz de decodificar um texto sem, por exemplo, conseguir inferir o sentido de uma palavra. Torna-se cada vez mais importante que o aluno do século XXI atinja a proficiência e a criticidade em leitura para, dentre outras habilidades, ser capaz de considerar diferentes pontos de vista.

A tecnologia, nesse contexto de Era Informatizada em que o leitor está inserido, tem papel fundamental. Do momento de planejar ao de avaliar, ela deve estar a serviço das relações de ensino e aprendizagem das habilidades leitoras.

Na área da linguagem, existe uma ferramenta que trabalha a leitura dentro dessa perspectiva: o Guten News.

Leticia Reina
Gestora Pedagógica Guten

Nossa metodologia une textos jornalísticos e games com o objetivo de desenvolver a competência leitora no Ensino Fundamental.

Com o uso da plataforma digital de leitura Guten News:

- Os alunos leem e se interessam cada vez mais pelos temas da atualidade, conectando-os aos conteúdos aprendidos em sala de aula.
- Os professores trabalham de forma interdisciplinar e avaliam as habilidades leitoras de cada aluno, personalizando o ensino.
- A gestão escolar acompanha continuamente a evolução das turmas, de acordo com os parâmetros curriculares nacionais.
- A escola se destaca como referência na formação de leitores.

"Implantamos o Guten no início de 2017 e, em pouco tempo, já notamos mudanças significativas no que diz respeito à evolução dos nossos alunos na escala gráfica de competências leitoras. Os alunos se divertem ao usar a plataforma, que, além de ser gamificada, traz sempre notícias atuais e conteúdos que engajam as crianças. Os professores têm acesso aos relatórios de gestão, que auxiliam a identificar, de maneira simples, o que cada aluno precisa melhorar. Estamos muito satisfeitos com a Guten."

Priscila Gengo - Diretora Pedagógica Anglo Morumbi

Conheça mais em: www.gutennews.com.br
Telefone para contato: 11 3263-0413

O PEA mostra a sua cara

Qual é o tamanho do PEA? Qual é a sua cara? Conhecer a resposta para perguntas como essas é fundamental para a gestão de um programa tão vivo e complexo como o Programa das Escolas Associadas da UNESCO no Brasil. Por isso, ao longo dos últimos anos, a Coordenação Nacional realizou diferentes pesquisas. A mais recente aconteceu em 2017, e traz um retrato muito preciso do programa, com muitas notícias boas.

A pesquisa PEA 2017 mostra uma rede que se expande rapidamente e chega a 376 escolas, mais de 340 mil alunos e 26 mil professores – a segunda maior do planeta, no âmbito da UNESCO. Mas, tão importante quanto isso, o levantamento feito revela uma rede comprometida, que voluntariamente participa pela convicção de princípios.

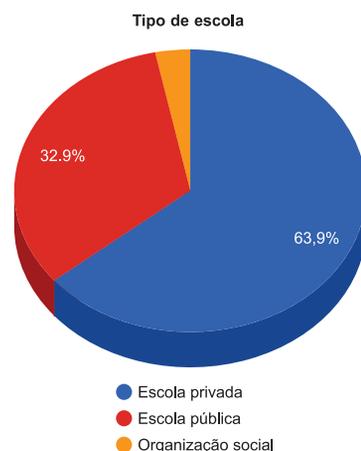
Veja, nas próximas páginas, o que é o PEA no Brasil.

Ampla participação na pesquisa

A participação da pesquisa já é uma mostra de compromisso. As informações a seguir são fruto da resposta de 346 escolas associadas, ou seja, 91% de toda a rede até o dia 15 de setembro. Trata-se de uma amostragem muito expressiva, que nos permite dimensionar efetivamente nossa rede. Entre as que não responderam, estão muitas escolas distantes, com dificuldade de acesso à internet e compreensíveis questões estruturais, que também compõem nosso grupo.

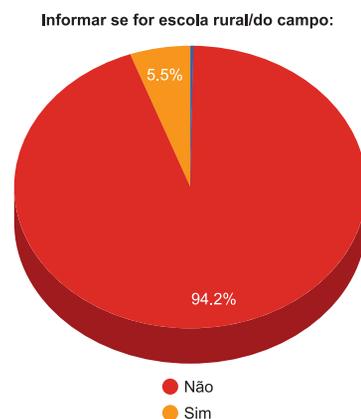
PEA cresce na rede pública

A ampliação do espaço da rede pública, tanto em tamanho quanto em participação. Hoje, 32,9% das escolas associadas pertencem à rede pública. Vale notar que ainda 3,3% são organizações sociais. A presença só não é maior porque assim como o PEA se empenha em promover a adesão de escolas públicas, a falta de apoio das secretarias e desafios como a alta rotatividade dos diretores acaba por provocar também a saída de instituições do programa. Por isso, hoje a Coordenação Nacional concentra seus esforços no diálogo com Secretários da Educação dos municípios e estados.



PEA da diversidade

O levantamento mostra a diversidade das escolas do PEA. Hoje, 5,5% das escolas associadas são rurais. Além disso, há uma escola quilombola e uma escola indígena. O PEA inclui escolas situadas em comunidades carentes, áreas urbanas, litoral e interior. Quase todos os Estados brasileiros possuem escolas associadas ou candidatas à certificação. Há até poucos anos, o PEA estava concentrado em poucos estados, principalmente no eixo Rio-São Paulo, e escolas públicas urbanas.



Estrutura tecnológica ainda frágil

A infraestrutura de tecnologia das escolas torna-se cada vez mais importante, seja porque é um movimento inexorável da sociedade contemporânea, seja porque vivemos em um país de dimensões continentais, e precisamos encontrar formas de comunicação on-line. Assim, os dados mostram que o PEA avançou no acesso à internet, mas há desafios importantes a serem superados. Cerca de 17% das escolas não possui laboratório de informática, 8,4% não tem acesso à banda larga e 34,4% não

disponibiliza wi-fi para os alunos. Além disso, 40,5% das escolas não possui profissionais dedicados à área da tecnologia educacional.

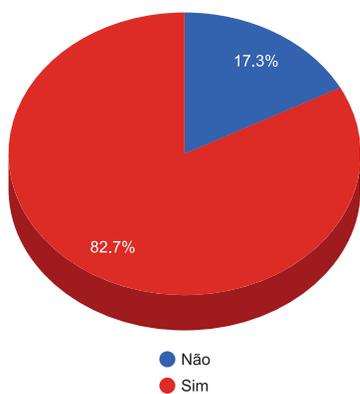
Isso dificulta muito, sobretudo, a troca com escolas de outros países. Segundo os dados levantados, apenas um quinto das escolas associadas desenvolveu projetos à distância com escolas estrangeiras. O PEA pretende ampliar essa forma de trabalho, uma vez que a Cidadania Global pressupõe a exposição dos alunos e das escolas a situações reais de co-

municação com crianças e jovens de outros países.

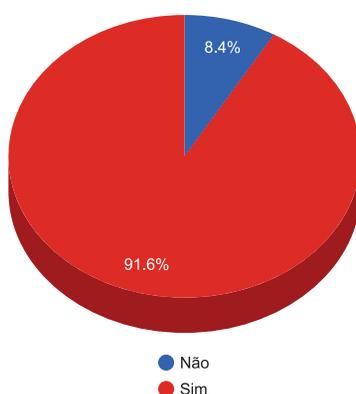
Da mesma forma, a Coordenação Nacional pretende estimular o uso de recursos como a videoconferência, que amplia as possibilidades de formação continuada e, em especial, permitem que a rede se torne mais coesa e interativa.

Inclusive por isso, é bem-vinda a parceria entre as redes particulares, normalmente melhor estruturadas no plano tecnológico, e as escolas públicas.

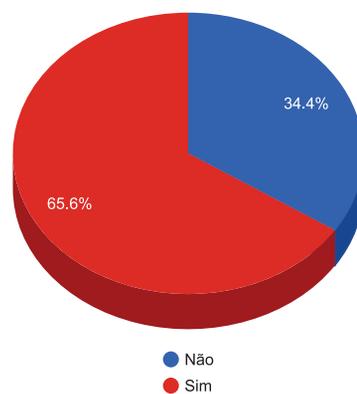
Possui laboratório de informática?



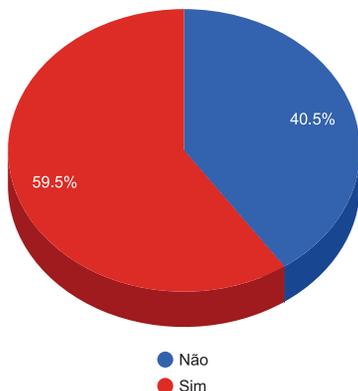
Possui acesso à Internet banda larga?



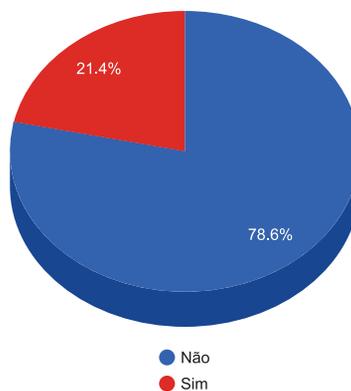
Possui rede wireless (wi-fi) para uso dos alunos?



Possui um profissional dedicado aos projetos de tecnologia?



Sua escola desenvolveu algum projeto em parceria com escolas de outros países, presencial ou virtual, nos últimos dois anos?

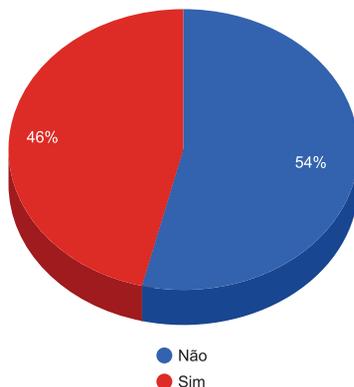


Cresce parceria entre escolas públicas e particulares

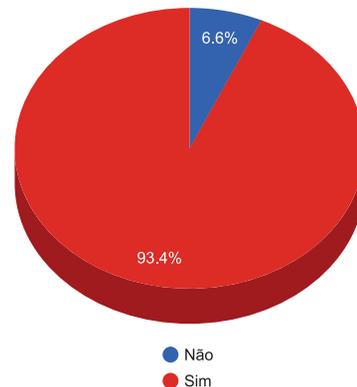
Escolas públicas e privadas trabalhando juntas? Essa é uma cena rara de se ver na educação brasileira, mas cada vez mais frequente no PEA. Segundo o levantamento, quase metade das escolas associadas desenvolve parcerias entre as redes. Além disso, 93,4% das escolas querem ampliar esse trabalho conjunto.

Isso representa uma queda importante de barreiras culturais. Torna-se cada vez mais cotidiano o desenvolvimento de atividades comuns. Escolas públicas e particulares têm muito o que ensinar e aprender, umas às outras. Além disso, o compartilhamento de recursos e estruturas confere ao PEA maior sentido de rede.

Sua escola desenvolve algum tipo de parceria com escola pública/particular?



Sua escola tem interesse em iniciar ou intensificar a parceria com escola pública/particular?

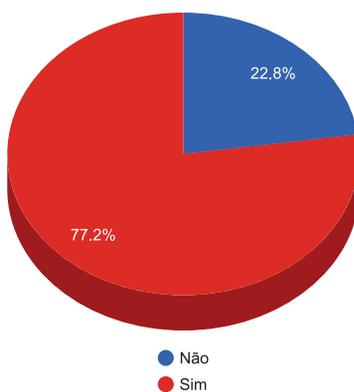


Comunicação virtual

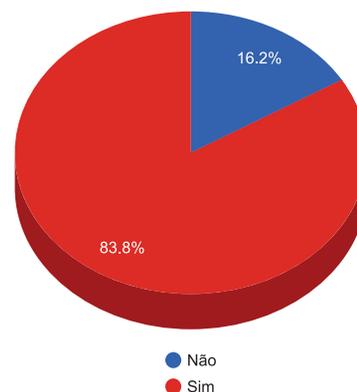
O estudo mostrou que o ambiente virtual é o principal caminho para a comunicação entre as escolas associadas e as suas comunidades. Cerca de 77,2% das escolas possuem site ou blog, e nada menos do que 83,6% utilizam as redes sociais.

Isso é fundamental para atender a um dos objetivos estratégicos do PEA em todo o mundo. É muito importante que as escolas utilizem as redes sociais para ampliar o impacto social e divulgar o trabalho e os princípios da UNESCO, como vem recomendando a Coordenação Internacional do PEA.

Sua escola possui site ou blog?



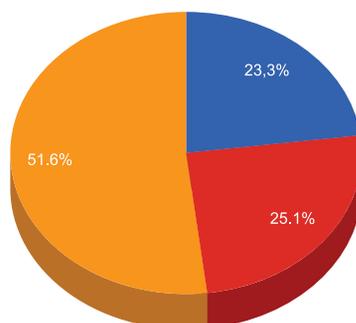
Sua escola possui endereço em rede social?



Participação no Encontro Nacional

Embora o mundo virtual seja muito importante, os momentos presenciais de troca e interação representam o coração do trabalho do PEA brasileiro – o que torna nossa rede calorosa e viva. Daí a importância de realizarmos grandes encontros nacionais, como o de Foz do Iguaçu. As escolas vêm participando com intensidade. Nada menos do que 76,7% da rede participa todo ano ou, ao menos, uma vez a cada dois anos dos encontros realizados.

Sua escola participa do Encontro Nacional do PEA?



- A escola nunca participou. Indique o motivo.
- A escola participa pelo menos uma vez a cada dois anos.
- A escola participa todos os anos.

O PEA mostra o seu coração

Tão importante quanto saber o tamanho da rede e os seus recursos, é conhecer o que pensam os gestores das escolas associadas. Afinal, porque uma escola deseja participar do Programa? O que a motiva? Qual é o impacto de integrar a rede PEA no conjunto das ações das escolas?

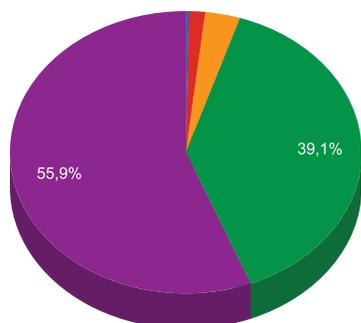
Este questionário foi aplicado pela primeira vez, na história do PEA brasileiro, e revelou algo que todos já sentiam na prática: somos uma rede de fato, que age pelos mesmos ideais e por convicção, e não para ostentar uma marca.

Veja abaixo, os principais achados dessa pesquisa.

Identidade clara e sentido de pertencimento

Para 95% das escolas, o Programa das Escolas Associadas tem uma identidade clara, com escolas que compartilham os valores propostos pela UNESCO. Além disso, 99,1% dos que responderam afirmaram ter orgulho de pertencer ao PEA.

O Programa das Escolas Associadas tem uma identidade clara, com escolas que compartilham os valores propostos pela UNESCO



● 1 - Discordo totalmente
● 2 - Discordo
● 3 - Nem concordo nem discordo
● 4 - Concordo
● 5 - Concordo totalmente

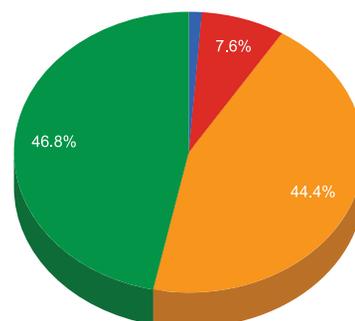
Participar do PEA melhora a escola

Mas que efeito traz para uma escola atuar dentro do programa? 91,2% das escolas que responderam concordaram com a afirmação "Tenho convicção de que fazer parte do PEA mudou minha escola para melhor".

Mas, alguém pode perguntar: mudou em que sentido? A resposta é: em todos os sentidos, e sobretudo no plano educacional. Mais de 300 escolas associadas, ou 91% da amostra, afirmaram que "A participação desta escola no PEA teve impacto na qualidade pedagógica".

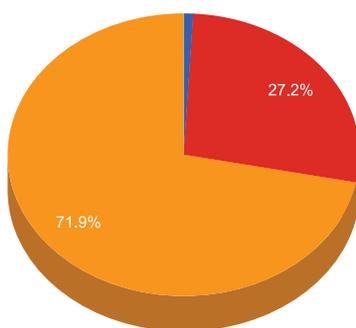
Praticamente a totalidade das escolas que responderam manifestaram o desejo de participar cada vez mais intensamente do programa.

Participação desta escola no PEA teve impacto na qualidade pedagógica



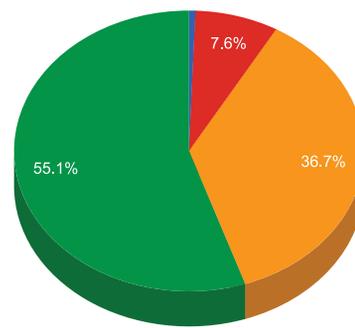
● 2 - Discordo
● 3 - Nem concordo nem discordo
● 4 - Concordo
● 5 - Concordo totalmente

A intenção desta escola é participar cada vez mais intensamente do PEA



● 3 - Nem concordo nem discordo
● 4 - Concordo
● 5 - Concordo totalmente

Tenho convicção de que fazer parte do PEA mudou minha escola para melhor



● 2 - Discordo
● 3 - Nem concordo nem discordo
● 4 - Concordo
● 5 - Concordo totalmente

Por que se tornaram associadas?

A pesquisa também mostrou as razões pelas quais as escolas procuraram se associar ao Programa, entre eles:

- ▶ Enfatizar a formação de valores como eixo central de minha escola.
- ▶ Pertencer a uma rede nacionalmente respeitada.

- ▶ Aprender com os outros e enriquecer o projeto pedagógico de minha escola;
- ▶ Pertencer a uma rede de dimensão global;
- ▶ Compartilhar efetivamente os valores preconizados pela UNESCO. ◊

Avaliação internacional da rede PEA e suas lições

O PEA brasileiro, que vem se transformando positivamente ao longo dos últimos anos, participa de uma mudança ainda mais ampla – o fortalecimento da rede de escolas associadas em todo o mundo, a partir do planejamento realizado pela Coordenação Internacional, sob direção de Sabine Detzel.

No final do ano passado, foi divulgado o relatório final de uma ampla avaliação da rede, da qual o Brasil também participou. O objetivo da avaliação foi buscar formas mais eficazes para o funcionamento das diferentes redes da UNESCO – entre elas, o PEA. O estudo partiu de uma percepção de que o potencial deste programa ainda não foi plenamente aproveitado.

A rede, que começou em 1953, com apenas 33 escolas em 15 países, hoje atinge 10 mil instituições em 181 nações. É considerada um mecanismo eficaz para a implementação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

O relatório ressalta seu papel como uma rede comprometida com a promoção dos princípios e valores da UNESCO, por meio do desenvolvimento de conteúdos educacionais inovadores e abordagens de aprendizagem facilitando a interação e troca entre milhões de professores e estudantes em todo o mundo. “Sua força está ao nível das bases, praticando uma educação de qualidade

e abordagens para a aprendizagem e convivência nas escolas, em busca da paz e do desenvolvimento sustentável”, diz o relatório.

O Brasil ganhou uma menção particular no estudo, em dois aspectos: na formação de uma rede de coordenadores regionais, essencial para a agilidade da gestão em um país de grandes dimensões, e a capacidade de articular parcerias, que permitem o desenvolvimento do Programa sem o recebimento de recursos públicos ou da UNESCO.

O relatório mostra que o crescimento desordenado e desigual, bem como procedimentos de seleção de escola variáveis entre os países, resultou na perda de identidade e diminuição de capacidade de gestão da rede. Assim, a qualidade do trabalho se tornou heterogênea. “Apesar de vários exemplos de boas práticas identificadas na avaliação em geral, um quadro misto surgiu em termos de resultados, com apenas bolsões que participam ativamente”, diz. Da mesma forma, outro aspecto crítico é a baixa influência da rede no nível da política nacional, bem como a pouca consciência dos governos sobre a importância do trabalho do programa.

Vale notar que a linha de ação estratégica adotada no Brasil nos últimos anos se concentrou exatamente nessas fragilidades, o que

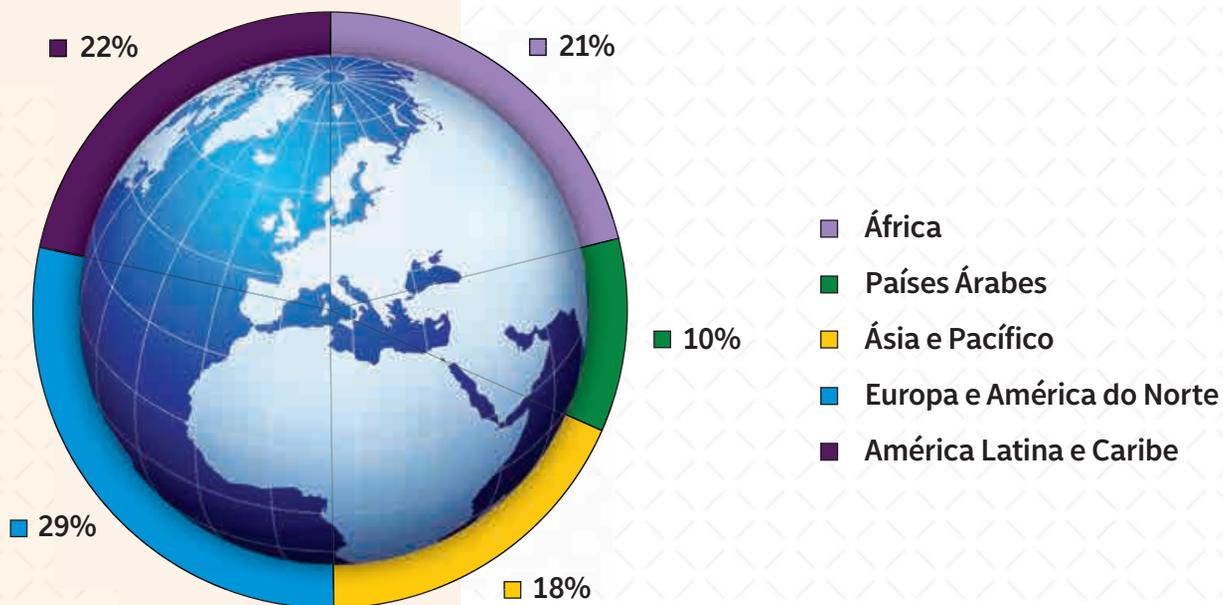
permitiu a reversão do quadro. Hoje, entre as características da rede PEA brasileira estão sua forte identidade, o dinamismo e o progressivo relacionamento que vem sendo construído com os gestores da rede pública – como está demonstrado no Encontro Nacional de 2017.

Conforme o relatório, embora o engajamento de todas as partes interessadas seja essencial para o sucesso do Programa, demonstrar e comunicar as boas práticas e o sucesso é uma condição prévia para atrair parcerias e recursos externos.

Além disso, um mecanismo de monitoração sistemática deve estar no local com base no contato direto entre os parceiros-chave, que preveem incentivos e reconhecimentos através de mecanismos de feedback. Esta é a função dos relatórios preparados pelas escolas, que são lidos e analisados pela Coordenação Nacional, e inspiram ações como a Revista do PEA.

Outra questão fundamental – que vem sendo atacada pelo PEA brasileiro – é a visibilidade do Programa, que é considerada essencial para o engajamento das escolas, o impacto nas políticas públicas e a construção de parceria. Isto requer um grande esforço, não apenas das coordenações nacionais e regionais, mas de todas as escolas associadas. 

O PEA INTERNACIONAL



ENTRE AS PRINCIPAIS LIÇÕES DEIXADAS PELA AVALIAÇÃO, ESTÃO:

1

A identidade de rede e a coerência precisam ser apoiadas por iniciativas de desenvolvimento de uma forte governança e por iniciativas da comunidade educativa. Isso significa que devem haver regras claras e seguidas por todos os membros.

2

A animação constante da Rede precisa ser alimentada por conteúdo relevante e material de alta qualidade para manter a dinâmica. Isso significa que a rede PEA deve construir um planejamento de trabalho que crie dinâmicas e oportunidades de cooperação e intercâmbio, bem como a proposição de temas-chave para as redes. Neste sentido, o calendário da UNESCO volta também a ganhar relevância.

3

As ferramentas inovadoras e de qualidade das Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) são fundamentais para apoiar a comunicação eficaz e a partilha de boas práticas para ampliação e replicação.

De frente para o **Clima**

Imagine a seguinte cena: Holanda e Bélgica são riscadas do mapa, submersas. O mar agora chega quase a Manaus. Tudo porque a Groenlândia derreteu. Este cenário de cinema-catástrofe não é mera ficção, mas uma das consequências possíveis e mais radicais aventadas pelos cientistas caso a humanidade não consiga mudar seus padrões de emissão de CO₂, que causa o aquecimento global. O alerta foi apresentado pelo pesquisador Paulo Artaxo Netto, da Universidade de São Paulo, a uma atenta plateia de educadores, na abertura do workshop *Mudanças Climáticas: por uma abordagem institucional global*, realizado no Colégio Magno, no dia 25 de março.

Desertificação em áreas hoje áridas, rareamento de florestas como a Amazônia, degelo. Muito impactante, o cenário faz parte de um consenso científico formado sobre as consequências do aquecimento global. O físico Artaxo integra o Painel Climático da ONU e, conforme explicou, todas as projeções que apresentou representam a fronteira do conhecimento científico na área. Trata-se da conjugação de um esforço global, reunindo 2 mil cientistas das mais diferentes áreas, que buscam construir sofisticados modelos matemáticos para prever o complexo conjunto de fatores que regulam o clima na terra.

Esta abordagem foi o primeiro passo para sensibilizar um grupo de 10 escolas brasileiras que, desde o final de 2016, integram um projeto global voltado para a educação no contexto das mudanças climáticas. O Brasil foi um dos 11 países escolhidos para o primeiro grupo, ao lado for-

mação promoveu a reflexão conjunta entre as escolas Japão, Alemanha, Namíbia, Dinamarca, Paquistão, entre outros.

Representantes de todos esses países estiveram reunidos em Dakar, no Senegal, em fins de novembro, para receber a formação inicial – que posteriormente deveria ser multiplicada para os colégios definidos para a fase nacional do programa. O Brasil foi representado pela coordenadora nacional, Myriam Tricate, e pelas educadoras Ângela Peres Fonseca e Maria Cristina Zamith Cunha, com a missão de se tornarem facilitadoras.

Formação de facilitadores

Na fase brasileira, as escolas presentes enviaram gestores e professores para receber informações sobre

diferentes aspectos, tanto na organização do trabalho, que terá duração de dois anos e um rigoroso acompanhamento, como dos conteúdos que permitirão as escolas a desenvolverem seus projetos.

Vale notar que a proposta é inovadora, mesmo entre as estratégias normalmente adotadas pela Rede PEA nos projetos internacionais. Desta vez, busca-se o envolvimento de todas as áreas da Escola – daí a expressão *Whole Institutional Approach* (Abordagem Institucional Integral). Isso significa que áreas como gestão, manutenção, relação com a comunidade, além, é claro, das áreas pedagógicas, devem trabalhar juntas para tornar as escolas realmente preparadas para as mudanças climáticas.

Afinal, trata-se de uma mudança cultural com profundas consequências. Basta lembrar que as mudanças



Gestores e professores reunidos, na fase brasileira do projeto global, voltado para a educação no contexto das mudanças climáticas.

climáticas vêm sendo consideradas pela ONU como a questão que define a nossa era. Relaciona-se aos padrões de consumo individual, ao desenvolvimento sustentável, aos modelos energéticos, às políticas públicas, ao equilíbrio geopolítico e, sobretudo, à capacidade de nações se unirem para pensarem juntas o futuro do planeta.

Este é um desafio único na história da humanidade. A tal ponto que os cientistas já chamam esta era geológica de Antropoceno, ou seja, uma etapa em que os seres humanos se mostram capazes de interferir nas condições de existência do Planeta Terra. O aquecimento global é uma das expressões dessa interferência, com profundo impacto sobre a população.

Nos últimos anos, a UNESCO vem produzindo materiais de formação de educadores que mostram a importância de se preparar as novas gerações para esse tempo. Trata-se de agir em três diferentes dimensões: na mudança de padrões que permitam diminuir a emissão de CO₂, de conviver com as mudanças já irreversíveis, como a alteração no regime de chuvas e a proliferação de doenças infecciosas transmissíveis por mosquitos, e também de saber como agir em casos de eventos extremos, que se tornam cada vez mais frequentes.

Tudo isso requer um esforço que vai além da conscientização por meio das atividades pedagógicas, mas implica em uma mudança no padrão de operação e funcionamento das instituições. No caso das escolas, por exemplo, é de se esperar que as equipes que projetam a expansão física ou que cuidam da manutenção levem em conta os critérios da sustentabilidade do uso da água e da energia. Isso também é educação.

Em função disso, o projeto JFIT atua em quatro dimensões: Governança Escolar; Ensinar e Aprender;

Após a palestra, os educadores trabalharam sobre os critérios de acompanhamento dos projetos relativos às mudanças climáticas.



Instalações e Operações, e Parceiros da Comunidade. Em cada escola, pretende-se formar equipes próprias para o desenvolvimento dos projetos, compostas por membros das diversas instâncias da comunidade, inclusive alunos. Da mesma forma, o painel de monitoramento e avaliação inclui o acompanhamento de um vasto conjunto de itens que revelam o envolvimento de toda a instituição na mesma causa.

Por fim, os conhecimentos sobre as causas do aquecimento e suas

consequências devem ser trabalhados de forma transversal em todas as disciplinas, como um componente relevante da aprendizagem escolar, com atividades teóricas e práticas. Por isso, na formação conduzida pelas facilitadoras Ângela e Cristina, entre outras sugestões, foram demonstrados exemplos como a construção de cisternas, de áreas de compostagem e de um pluviômetro. Da mesma forma, todos foram orientados para aprender a construir uma medida que se tornou fundamental



Um almoço celebrou a integração entre os participantes.



Paulo Artaxo Netto mostrou as evidências científicas sobre o aquecimento global.

para a sociedade contemporânea: a pegada de carbono, ou seja, como cada pessoa impacta na emissão de CO2 na atmosfera.

Plano de Ação

A partir da reunião, todas as dez escolas saíram da formação, em São Paulo, com a meta de construir o Plano de Ação, com duração de dois anos. Em pouco mais de um mês,

todos apresentaram suas primeiras ações, no primeiro relatório enviado à Coordenação Internacional.

O Colégio Porto Seguro, por exemplo, formou uma dezena de comitês, envolvendo toda a comunidade, para trabalhar o projeto em diferentes dimensões. O Comitê de Currículo tem a missão de reorganizar o currículo para a inserção gradual dos temas relativos às mudanças climáticas. Já o Comitê de Empreendedorismo

visa mobilizar os alunos para propor negócios sustentáveis, que contenha diretrizes de crescimento local e aspectos sociais. O Comitê de Sala Global terá como foco a troca de experiências e informações internacionais, em diálogo com outros países, e o Comitê para a Sensibilização da Comunidade envolve, entre outras ações, a criação de uma Rádio Porto, com dicas ambientais.

Na Escola da Colina, da cidade de São José dos Pinhais, o plano prevê tornar a escola um modelo de ação climática, com a criação de áreas verdes, medidas de economia de água e energia, e o estímulo à alimentação saudável. No plano pedagógico, o trabalho envolve a implantação de uma miniestação meteorológica, cisternas, hortas, bem como projetos interdisciplinares. Na gestão, a escola vai orientar os distintos setores para atuar conjuntamente de acordo com os princípios da sustentabilidade e, no campo da ação comunitária, investirá em parcerias com organizações não-governamentais e governo, inclusive as secretarias locais do Turismo e do Meio Ambiente, entre outros.

No Colégio Guilherme Dumont Villares, entre diversas frentes de ação, está o trabalho em sala de aula. Os alunos estudam os gráficos apresentados pelo pesquisador Paulo Artaxo Netto em aulas de Matemática e acompanham a regularidade das chuvas em pluviômetros que eles próprios construíram, nas aulas de Ciências. Em Geografia, os alunos se aprofundarão no impacto das alterações climáticas, observando diferentes aspectos do tema.

Dessa forma, todas as escolas integrantes do projeto já trabalham a pleno vapor. Ao longo dos próximos dois anos, construirão um vasto repertório de experiências que poderão inspirar projetos nas escolas do PEA em todo o planeta. 

PROJETO ENVOLVERÁ 23,6 MIL ALUNOS E 1,6 MIL PROFESSORES NO BRASIL

A escolha das escolas para participar do projeto piloto internacional JFIT: por uma abordagem institucional integral levou em conta a distribuição regional, o envolvimento com temas relativos à sustentabilidade, capacidade de mobilização, entre outros critérios. Somados, eles possuem 23.608 alunos, 1595 professores e 186 coordenadores pedagógicos, o que demonstra o potencial alcance do projeto.

São participantes as seguintes escolas:

- Colégio Antares (Ceará)
- Colégio Friburgo (São Paulo)
- Colégio Guilherme Dumont Villares (São Paulo)
- Colégio Porto Seguro (São Paulo)
- Colégio Presbiteriano Mackenzie (São Paulo)
- Colégio Sidarta (São Paulo)
- Eco Escola da Colina (Paraná)
- Escola de Educação Especial Nilza Tartuce (Paraná)
- Ginásio Experimental Carioca Orsina da Fonseca (Rio de Janeiro)
- Organização Farias Brito (Ceará)

CLIMA DE **PARCERIA**

A viagem ao Senegal, no final de novembro, marcou um momento especial na história do Programa das Escolas Associadas no Brasil. Pela primeira vez, o Brasil foi escolhido para integrar um projeto piloto de importância global da UNESCO.

A história desse projeto começou no final de 2015, quando o País foi convidado a participar da Conferência Mundial do Clima, levando representantes de cinco colégios. O Brasil se destacou na sessão reservada às escolas associadas, pela qualidade dos exemplos apresentados.

Como decorrência desse momento, o Brasil foi convidado a incluir dez escolas no projeto piloto, participando da formação internacional de facilitadores, em Dakar, no Senegal. Foi uma experiência inesquecível.

Nesta formação, foi apresentada a metodologia do projeto, baseada na abordagem institucional integral. Todos os convidados puderam trocar experiências, discutir os conteúdos apresentados e, principalmente, já começar a



Formação de facilitadores aconteceu em Dakar, no Senegal. O Brasil estava lá.

desenhar o plano de ação nacional, com as propostas formativas.

O resultado foi a organização de uma verdadeira rede de educadores mobilizados em torno das questões climáticas.

Mesmo depois do encontro, os que estiveram presentes no Senegal trocaram informações por meio de redes sociais e compartilham suas conquistas. Nas fotos, alguns momentos dessa viagem.



No programa, visita às escolas locais.



Dinâmica envolveu debates entre os países.

PEA no Japão

novas experiências em momentos de muito aprendizado

Quase 50 educadores do PEA, de todas as regiões do Brasil, embarcaram em uma missão pedagógica bastante especial: visitar e conhecer um pouco da educação japonesa, referência em todo o mundo.

A expectativa era grande, é verdade. Mas ninguém poderia imaginar que era tanta. Bastaram pouco mais de 24 horas para que todas as vagas disponíveis para a missão pedagógica ao Japão estivessem totalmente esgotadas. Até mesmo a agência organizadora se surpreendeu: nunca haviam visto nada parecido.

Tamanho interesse tem explicação: em primeiro lugar, em sua quinta edição, as missões pedagógicas do PEA já se tornaram um hit das ações das escolas associadas. Todas foram um sucesso, seja no plano da educação, seja no da cultura, e, portanto, as expectativas são sempre elevadas.

Além disso, a escolha do destino se mostrou estrategicamente acertada. O Japão é um sonho para muitos educadores que agora foi viabilizado em uma jornada coletiva, em um ambiente pleno de

companheirismo e com um foco preciso: a educação japonesa, que está entre os sistemas mais conceituados do mundo.

Esperando conhecer ricos aspectos pedagógicos, culturais e institucionais, a ansiedade se fez presente no grupo. Foi num misto de cansaço, pela longa jornada, e expectativa, pelo novo, que finalmente se deu o desembarque no aeroporto de Dubai, onde esta animada turma passou duas noites e um dia, conhecendo, durante o período do Ramadã, um pouco desta cultura tão diferente.

Safari no deserto

Todas as viagens do PEA têm, além de uma programação técnica intensa, um componente insubstituível: a diversidade de experiências a serem vividas pelo grupo. Além de aprender sobre os costumes e a cultura dos países visitados, tais vivências aproximam as pessoas e fortalecem o sentido coletivo.



Dubai, teve um clima de Mil e uma Noites. Fizeram parte do city tour, o luxuoso Hotel Burj Al Arab, o único hotel 7 estrelas do mundo, a ilha The Palm, arquipélago artificial em formato de Palmeira, o Aquário The Lost Chambers e o Dubai Hall. O Observatório “At The Top” do Burj Khalifa, o edifício mais alto do mundo, foi visitado por um grupo entusiasmado, interessado... e de queixo caído de espanto!

Mas o ponto alto desta primeira etapa da viagem foi o Safári no deserto, com direito a demonstração de falcoaria e finalizado com um jantar nas Dunas. Assim, no embarque para a segunda etapa da viagem, o clima de amizade e descontração já tomava conta das pessoas, que trocavam experiências e impressões.

País do Sol Nascente

Já em Tóquio, depois de conhecer um pouco dos arredores e visitar um dos muitos templos budistas da capital japonesa, os educadores iniciaram a missão pedagógica com a visita ao MEXT - Ministério da Educação, Cultura, Esporte, Ciência e Tecnologia, acompanhados pela



Grupo teve a deferência de ser recebido no Ministério da Educação do Japão.

presidente da Comissão Nacional do Japão, Yoko Wakayama.

O suporte dado pela presidente Yoko Wakayama é um capítulo à parte. Com uma gentileza e agilidade ímpar, Yoko preparou em detalhes a programação pedagógica japonesa, atendendo a todas as indicações da Coordenação Nacional brasileira.

Assim, a viagem teve 4 componentes fortes: visita às escolas inovadoras; programas culturais; relações institucionais; convivência.

No MEXT, os diretores puderam conversar com o Secretário da Educação Sr. Seiji Ichikawa. Fotos, presentes e muito interesse em explicar e sanar dúvidas permearam o diálogo. O secretário acredita que aluno

proativo, interativo e ensino autêntico, aliados à capacitação e investimentos constantes no professor, são os grandes responsáveis pela qualidade da educação. O professor é quem se responsabiliza pelo sucesso do projeto educacional e, por isso, a cada dez anos é testado e precisa ser novamente certificado como apto a lecionar.

Eles entendem que educação para o desenvolvimento sustentável é a educação para desenvolver líderes que ajudarão a construir uma sociedade sustentável para o futuro. Assim, as escolas associadas ao PEA (ASPNET internacional), têm a obrigação de ser modelos para as outras escolas. ◊





A melhor Educação Infantil do mundo

Na categoria de escola inovadora, destaca-se a visita à Fuji Kindergarten, que vem sendo chamada de “a melhor escola de educação infantil do mundo”, conhecida pelo currículo inovador e por uma arquitetura absolutamente criativa e inspiradora. Essa escola não pertence ao PEA, e foi incluída no roteiro pelo seu ineditismo pedagógico. A missão brasileira foi recebida como uma deferência, uma vez que há um grande número de visitantes normalmente interessados.

Com 650 alunos de até 6 anos, além de 100 bebês de 1 a 2 anos na creche, é uma escola onde todos os espaços são interligados. A sala do Diretor, dos professores e a administração são integradas entre si e ao pátio, não possuem portas ou nenhum tipo de fechamento.

Nesta escola, tudo serve como instrumento de aprendizado. Colocar os chinelos na marca determinada, por exemplo, serve para ensinar a ordem; torneira sem pia que espirra água no pé, serve para aprender a abrir pouco e economizar água; janela que não fecha direito da 1ª vez, para observar e ter atenção no que está fazendo; lâmpada que acende apenas com cordinha para entender que nem tudo é tecnologia, que às vezes ela não é necessária; água da chuva que cai como cachoeira para que aprendam a dobrar a manga e não se molhar,

enfim, tudo é pensado para que a criança aprenda com autonomia. Se cair, levante-se, se precisar de ajuda, peça! Até a cor da camiseta do uniforme pode ser escolhida pela criança.

Partindo do mesmo princípio, as salas de aula não têm paredes ou algo que isole o barulho do pátio e das demais salas, pois o aluno precisa aprender a se focar e a prestar atenção no que realmente importa. Utilizam o método Montessori e têm inglês todos os dias.

Eles não têm brinquedos de “parquinho” convencionais. Os alunos inventam as brincadeiras, sobem em árvores, correm bastante, aproveitam um enorme escorregador para descer do telhado, que circunda o prédio todo e serve como uma grande área de convivência, brincadeiras e muita correria. Dizem que os alunos da Fuji são as crianças que mais correm em todo o Japão!

Cultivam ainda uma horta, em um espaço muito grande, com diversos produtos sem agrotóxicos, entre frutas, legumes, verduras e até arroz, e que são consumidos pelos alunos e o excedente vendido à comunidade. Pode-se ver, pendurados nas vigas das coberturas, réstias de cebola, de alho, espigas de milho... tudo integrado, tudo fazendo parte do contexto e com um significado pedagógico.



Nishida Elementary School: um carinho em cada gesto, em cada palavra

Por ser escola ASPNET, na escola primária Nishida todos os funcionários, não apenas a equipe pedagógica, participam do processo e estão de alguma forma envolvidos com os projetos. Uma escola pública muito inovadora, considerada modelo no campo da educação para a sustentabilidade no Japão.

A escola, que está localizada em um bairro residencial, e recebe os alunos que moram nas redondezas, organizou a recepção dos educadores brasileiros com muito carinho e atenção. Ficou claro que, também para eles, era um momento muito importante e especial. Com a ajuda de mães voluntárias que se ofereceram por saberem falar inglês, e divididos em pequenos grupos, cada educador do PEA teve uma experiência única: participando de jogos, aula de caligrafia japonesa, aula de origami, apresentação de danças e cantos típicos, além do almoço na sala de aula, servido pelos próprios alunos que, sim, retiram os pratos e



todo o serviço de refeição, limpam a classe e reorganizam o espaço para as próximas atividades do dia. Nesta escola, os educadores estão preparando as crianças para além do conteúdo, para um aprendizado mais amplo, tentando transformar

conhecimento em sabedoria para colocá-lo em prática. Assim, dão muita atenção e importância ao voluntariado, ao aprendizado da cultura e tradição japonesa e ao relacionamento com a natureza, com a comunidade, além do intercâmbio com outros países.



PEA NO JAPÃO

Educação alia teoria e prática

Ainda neste primeiro dia de visitas, conheceram a Shimofusa High School. Escola técnica voltada para o meio ambiente com cursos de agricultura, indústria e comércio, a instituição busca o desenvolvimento de recursos humanos para o desenvolvimento sustentável da região pela indústria, meio ambiente e cultura.

Há 30 anos desenvolveram, e a cada ano melhoram, o Ecocarro, que já ganhou o campeonato da Honda por seis vezes e já fez 2067 Km com um Litro de combustível. Mas não foi apenas o carro que chamou atenção. Com a mais alta tecnologia disponível aos alunos, as pesquisas e aperfeiçoamento das técnicas de plantio e combate às doenças das



plantas sem o uso de agrotóxico, assim como o reaproveitamento de produtos que seriam descartados, foram apresentadas.

Um exemplo é o reaproveitamento do óleo de girassol produzido na escola. Após utilizar o óleo para fritar bolinhos em uma feira, por exemplo, os alunos filtram e reutilizam para mover o motor dos tratores.

Interessante perceber que, sempre com sinceridade, autonomia e cooperação, os alunos que entram na escola continuam os projetos dos colegas de anos anteriores, aperfeiçoando, ajustando e corrigindo eventuais falhas. Daí vem a quantidade de projetos bem sucedidos que foram apresentados nas várias escolas visitadas.

Escola Waldorf Tokyo Steiner School: uma visita suprendente

Foi com uma recepção extremamente calorosa, com direito à dança típica muito bem ensaiada e um café da tarde com quitutes oferecidos pelas mães dos alunos, que o

grupo encerrou em grande estilo as visitas às escolas no Japão. Com dez anos de atividade e fazendo parte da ASPNET, a escola ligada ao movimento Waldorf, Tokyo Steiner,

é uma ONG com 180 alunos do 1º ano até o Ensino Médio. Apesar de ser uma escola não reconhecida pelo governo, é considerada para entrada nas universidades. Não segue o currículo de escola pública, e sim um currículo próprio, voltado para o crescimento da criança, com aulas práticas que utilizam muito o movimento do corpo, nos anos iniciais e inserção progressiva do currículo. Dividem o ensino por temas mensais: 4 semanas de Língua Japonesa, 4 semanas de Matemática, 4 semanas de um instrumento musical, por exemplo. Estudam uma coisa por vez, mas muito profundamente. Como ocorre na Pedagogia Waldorf, o conteúdo varia conforme a idade e autoconfiança do aluno, utilizando como base a mudança de etapa que ocorre a cada 7 anos na vida da criança. ◊



Coordenadores Nota 10

O Encontro Nacional das Escolas Associadas é o maior, mas nem de longe é a única ação de formação do Programa de Escolas Associadas. Nas diversas regiões brasileiros, os coordenadores regionais garantem uma cadeia de transmissão que multiplicam as capacitações, sempre tendo como foco os temas definidos pela UNESCO. Em 2017, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná realizaram encontros formativos para suas escolas.

No dia 18 de março, por exemplo, a Coordenadora Regional de São Paulo, Eiiiana Pereira Aun, recebeu perto de 200 educadores para discutir diversos temas, especialmente a Agenda 2030, que integra os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. As reuniões de São Paulo caracterizam-se pela sua densidade técnica, pela qualidade

do material entregue aos diretores e coordenadores presentes e pela seriedade com que todos os temas da UNESCO são tratados.

No Rio de Janeiro, a coordenadora regional Maria Cecília Cury esteve à frente de uma série de iniciativas, que envolveram o relacionamento com a Secretaria de Educação do Rio de Janeiro, bem como ações de formação diversas, uma delas no Museu do Amanhã, internacionalmente aclamado. Em agosto, também promoveu o II Encontro PEA UNESCO do Rio de Janeiro, com palestras, relatos de experiências, debates e foco nas temáticas definidas pela rede PEA.

Entre os muitos temas culturais e pedagógicos trabalhados, o encontro tratou do desenvolvimento sustentável, mostrou os projetos em andamento, apresentou relatos da

viagem ao Japão, deu visibilidade a boas práticas e chamou a atenção para um novo patrimônio histórico restaurado no Rio de Janeiro, o Cais do Valongo, recentemente elevado a Patrimônio da Humanidade.

Outras ações formativas

Outras coordenações regionais empenharam-se em multiplicar os conhecimentos e outros projetos, como o Experimento, em parceria com a Fundação Siemens.

O Colégio Magnum, dirigido pelo coordenador regional Eldo Couto, se responsabilizou pela formação de educadores da rede pública no interior de Minas Gerais, na área de Ciências com o projeto Experimento. O mesmo fez o Colégio Maria Auxiliadora, trabalhando com escolas do interior do Rio Grande do Sul.

Na região Nordeste, os coordenadores demonstram o mesmo envolvimento, como é o caso da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Em Natal, aliás, a nova coordenadora regional, Maria Lúcia de Azevedo, promoveu sua primeira reunião, convidando cada escola associada a levar outra, pública. ◇



Os coordenadores regionais vêm se envolvendo cada vez mais e compreendendo seu papel institucional. Na organização do Encontro Nacional, empenharam-se em apresentar o evento e a convidar autoridades. A Coordenadora Regional do Paraná, Adriana Karam, entregou pessoalmente o convite ao atual governador do Paraná, Beto Richa. Com um time desse, o PEA só pode mesmo crescer!

Que tal oferecer

NOSSA SOLUÇÃO

BILÍNGUE COMPLETA

para seus alunos?

Mais de 90% de aprovação
nos exames internacionais
de **Cambridge English**.

Fácil integração à grade
curricular da sua escola.

Currículo baseado
nos **PCNs e RCNs**.

Programa adequado à
realidade brasileira.

**DESPERTE INTERESSE
DA SUA COMUNIDADE E
FIDELIZE SEUS ALUNOS.**





Prepare seus alunos
PARA O MUNDO
ENQUANTO APRENDEM
EM INGLÊS!



- Minecraft Edu
- LEGO® EDUCATION
- SOLUÇÕES TECNOLÓGICAS
- Jogos
- Material Didático

+55 11 **5083.6677**
www.internationalschool.global
fb.com/internationalschool.official



INTERNATIONAL
SCHOOL



Tecnologias móveis na sala de aula:

problema ou solução?

A UNESCO incentiva fortemente o uso de tecnologias móveis em sala de aula desde 2013. Isso porque existem diversos motivos para defender este uso, como maior abrangência e igualdade na Educação, inclusão social de alunos com deficiência, otimização do tempo das aulas, entre outros. A lista é extensa.

Para atestar o largo alcance da tecnologia, especialmente, entre o público escolar, a pesquisa TIC Kids de 2016 mostrou que 80% da população brasileira entre 9 e 17 anos possui acesso à internet. Já na Pesquisa Juventude Conectada, de 2016, percebemos que 85% dos jovens entre 15 a 29 anos usam o celular como principal dispositivo de conexão à rede.

Tais dados demonstram que a escola deve atentar-se à ampla conectividade de seus alunos e adaptar-se para estar presente no dia a dia do estudante, estimulando o aprendizado. Essa, infelizmente, ainda não é a realidade brasileira, devido à baixa infraestrutura existente nas escolas públicas.

Além disso, o uso do celular na sala de aula é proibido em sete estados brasileiros - o que demonstra como a legislação ainda não está acompanhando a velocidade das mudanças tecnológicas. Devido à tal proibição, a escola fica distante da realidade de seus alunos, o que contribui tanto para o desinteresse quanto para uma menor aprendizagem.

O celular como complemento ao professor

Por isso, é essencial a escola marcar presença no cotidiano de seus alunos, para incentivar o engajamento. Isso pode ser feito com a ajuda das tecnologias móveis, que possibilitam uma aprendizagem interativa, e trazem acessibilidade aos estudantes - o conteúdo fica disponível em qualquer lugar e em qualquer momento.

Ao usar o celular como uma ferramenta pedagógica complementar, o aluno tem acesso a conteúdos mais dinâmicos do que o tradicional livro - como sites de referência, aplicativos, vídeos, imagens e notícias. Tudo isso em uma linguagem mais jovem e familiar ao estudante.

Ainda assim, a entrada da tecnologia no ambiente escolar usualmente encontra resistências - um medo frequente é de que as tecnologias móveis substituam os professores. Porém, fica claro que a inteligência artificial não consegue criar conexões emocionais com os alunos como os educadores fazem.

Com o uso do celular na sala de aula, o professor muda de papel, mas assume uma missão ainda mais importante: passa a ser um facilitador do processo educacional e não mais o foco de atenção da sala. E, assim, o aluno é capaz de desenvolver autonomia na hora do estudo e o professor consegue otimizar seu tempo.

Para isso, a escola precisa estar atenta a estratégias e metodologias que garantam que a tecnologia seja utilizada com foco pedagógico, para realmente contribuir com a aprendizagem. O professor deve ter objetivos delineados de forma clara e criar planejamentos para que o estudo pelo celular motive o aluno e estimule sua criatividade.

Benefícios comprovados do uso de tecnologias educacionais

A aprendizagem por tecnologias móveis tem alguns benefícios comprovados. A Geekie, empresa de inovação e tecnologia educacional, oferece algumas soluções: o Geekie Lab, plataforma de apoio ao professor, que oferece videoaulas, resumos e exercícios para complementar o conteúdo de sala de aula e traçar trilhas de aprendizagem personalizadas para cada aluno; e o Geekie Teste, ferramenta de avaliação externa que auxilia a tomada de decisões pedagógicas e traz eficiência ao ensino, gerando dados sobre a aprendizagem de aluno, turma, escola e rede.

O Educandário Santa Maria Goretti, escola parceira da Geekie em Teresina, Piauí, trabalha com foco na preparação para o ENEM e faz uso das melhores tecnologias educacionais. A escola conseguiu alcançar o 17º lugar geral e 4º lugar em redação no ENEM em 2016, usando em conjunto as soluções Geekie Lab e Geekie Teste. O Geekie Teste já é utilizado por toda a escola, enquanto o Geekie Lab faz parte da rotina dos 50 estudantes do 3º ano – e, em 2017, será levado também para o 2º ano.

O tratamento individualizado, que contempla turmas menores (com, no máximo, 25 alunos) e o trajeto personalizado de ensino, é outra marca da escola – que, segundo Amanda Leal, diretora pedagógica do Educandário, “não seria possível sem tecnologia”.

Já o SESI Paraná, parceiro da Geekie em Curitiba, Paraná, utiliza a tecnologia para potencializar a metodologia de projetos. Lá, os alunos se dividem em oficinas de aprendizagem e trabalham conteúdos de forma interdisciplinar em conjunto com a plataforma Geekie Lab.

De acordo com Rosilei Ferrarini, analista técnica da Gerência de Educação do SESI Paraná, o Geekie Lab lançou uma nova luz nas lacunas de aprendizagem em cada segmento temático. “Fizemos uma grande movimentação, na última semana pedagógica, para identificar quais os gaps na relação entre a matriz de referência e as oficinas bimestrais – e como a tecnologia poderia ajudar a preenchê-los”, explica a analista.

Aumento do conforto e redução de custos

Dentre as vantagens da tecnologia em sala de aula, também encontramos argumentos que visam o bem-



-estar do estudante: o aluno de uma instituição que usa tecnologias móveis não precisa carregar o peso dos livros escolares, que pode contribuir para desvios posturais e dor nas costas. O peso correto da mochila não deve ultrapassar 10% do peso do jovem, algo bem distante da realidade atual. E, como não há material físico a ser transportado, não existe a necessidade de alugar armários ou o risco de esquecer na escola materiais que deveriam ser usados em casa. Isso causa um conforto maior para o aluno.

Outra grande vantagem do uso das tecnologias móveis é a possibilidade de atualização do material de forma on-line. Ao contrário do material impresso, que deve ser refeito e reimpresso em várias edições, causando maior gasto para os pais e para a instituição escolar, plataformas e aplicativos educacionais são renovados com um clique.

Tecnologias móveis: uma ótima ideia

Para adaptar-se à realidade dos estudantes brasileiros e às demandas do século XXI, a escola precisa repensar suas abordagens e estruturas. O uso de tecnologia transformou os jovens em produtores de conteúdo e questionadores, não mais consumidores passivos de informação. Por isso, tanto a Educação personalizada de acordo com o perfil do aluno, quanto a Educação híbrida, que combina ensino on-line e off-line, são ferramentas extremamente úteis para uma escola que deseja fazer parte do dia a dia dos seus alunos de forma efetiva.

Isso ilustra como ocorreram profundas mudanças na sociedade, e a escola, como principal canal de educação, precisa estar atualizada. É preciso conciliar a rotina do aluno fora da escola com a sua vida escolar. Usar tecnologias móveis, que já fazem parte do dia a dia do aluno, pode aproximar o aluno da instituição e também ajudar na diminuição da evasão escolar.



As escolas associadas e o compromisso com os **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)**

“Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”. Quem é diretor, professor ou faz parte da comunidade de uma escola associada da UNESCO deve ter essa meta entre suas prioridades do dia a dia. Afinal, esse é o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4, que compõe a Agenda de Desenvolvimento Pós-2015 da ONU.

Trata-se de um desafio para governos, organizações e, em especial, para a rede de escolas associadas, que se tornam ao mesmo tempo embaixadoras e polos de inovação para práticas que contribuam para esse objetivo global, orientador a missão da UNESCO para os próximos anos.

A meta 4.1, por exemplo, determina que, até 2030, os países devem garantir que *todas as meninas e meninos completem o ensino primário e secundário, livre, equitativo e de qualidade, que conduza a resultados de aprendizagem relevantes e eficazes.*

Essa foi uma das mensagens principais enfatizadas pela Coordenadora Internacional do PEA, Sabine Detzel, em um encontro internacional realizado na cidade de Sanya, na China, em abril de 2017. A coordenadora brasileira, Myriam Tricate, esteve lá representando o Brasil, ao lado de seu assessor Paulo de Camargo.

Conhecer o ODS e as metas associadas, que compõe a chamada Agenda 2030, é imprescindível

para todas as escolas da rede PEA. Esta agenda foi construída pelas Nações Unidas ao longo dos últimos anos, em consultas a seus Estados-membros e às principais partes interessadas na agenda futura de educação, culminando no Fórum Mundial de Educação, que ocorreu em Incheon, Coreia do Sul, em maio de 2015.

Na reunião realizada na China, Sabine convocou as escolas associadas a assumir o papel de laboratórios de inovação de boas práticas que possam ser reproduzidas em âmbito nacional, dialogar com governos e influenciar políticas públicas. Essa é a direção que o PEA brasileiro tomou e é imprescindível que todas as escolas associadas enfrentem esse belo desafio. 



Entre os muitos momentos emocionantes, a foto de diretores das comissões da UNESCO e coordenadores nacionais do PEA que foram à China.

Década Internacional de **Afrodescendentes**

Para os anos de 2015 a 2024, a Assembleia Geral da ONU adotou o Programa de Atividades para a Década Internacional de Afrodescendentes. Espera-se, nesta década, que sejam propostas e tomadas ações em questões relacionadas à população afrodescendente em qualquer lugar do mundo, nas áreas de reconhecimento, justiça e desenvolvimento.

A população afrodescendente está entre as comunidades mais pobres e marginalizadas do mundo. Para Ban Ki-moon, então Secretário-Geral das Nações Unidas, essa Década é uma oportunidade para uma ação comum e concertada. Sua esperança é que, daqui a uma década, a situação dos direitos humanos da população afrodescendente de todo o mundo tenha sido amplamente melhorada.

Assim, é dever de todos promover o respeito, proteção e cumprimento de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais das pessoas afrodescendentes, promover ainda um maior conhecimento e respeito pelo patrimônio diversificado, a cul-

tura e a contribuição de afrodescendentes para o desenvolvimento das sociedades.

Na escola, é fundamental promover o conhecimento, reconhecimento e respeito pela cultura, história e patrimônio dos povos afrodescendentes, passando pelo levantamento de informações estudo, debates e discussões acerca deste tema. É preciso também promover a inclusão completa e precisa da história e da contribuição dos povos afrodescendentes nos currículos escolares.

A fim de assegurar que o processo não discrimine ou exclua crianças e jovens afrodescendentes, deve-se trabalhar o direito à igualdade e à não discriminação, seja na questão educacional, no acesso aos itens básicos de sobrevivência, assim como no acesso à justiça.

Com esta década, a comunidade internacional reconhece que os povos afrodescendentes representam um grupo distinto cujos direitos humanos precisam ser promovidos e protegidos. 

Qual é o tema para 2018?

Essa é uma pergunta que está sempre na ponta do lápis das escolas associadas. Não há uma só resposta para essa pergunta. Afinal, até o fechamento desta edição, o tema do Ano Internacional da UNESCO para 2018 ainda não havia sido publicado. Contudo, independentemente do calendário anual, há várias referências no calendário da UNESCO que devem ser seguidas.

Uma delas é a Década dos Afrodescendentes, apresentada nesta página – afinal, a África é uma priori-

dade da UNESCO. Mas há outras, entre elas a Década Internacional das Nações Unidas da Energia Sustentável para Todos (2014-2024) ou a Década de Ação pelo Trânsito Seguro (2011-2020).

Mais importante é considerar os objetivos estratégicos da Rede PEA, que vem sendo apresentados pela Coordenação Nacional: Aprendizagem Intercultural, Educação para o Desenvolvimento Sustentável, Cultura da Paz, Prioridades da ONU.

PROJETO CONEXÃO:
Sala de aula no mundo!

Sala Global 2016, O **Zeitgeist**¹ DO SÉCULO XXI



O Projeto Conexão: Sala de Aula no Mundo, desenvolvido pelo Colégio Visconde de Porto Seguro, vem realizando eventos globais por meio de videoconferências entre crianças e jovens do Colégio e do mundo todo, promovendo assim o desenvolvimento da competência dialógica para a proposição conjunta de ideias visando ao entendimento global.

A ação foi inspirada nos documentos do Programa das Escolas As-

sociadas da UNESCO no Brasil, que foram estudados atentamente pelos gestores e professores do Colégio. Neles constam que, de 2014 a 2021, a missão de “Educar para uma Cidadania Mundial” objetiva uma educação de qualidade que mobilize horizontes científicos, aborde problemas éticos e sociais, promova a diversidade e o diálogo intercultural e também construa sociedades de conhecimento fomentando a difusão de boas práticas em nível internacional.

¹*Zeitgeist* é um termo alemão cuja tradução do latim: *genius seculi* (latim: *genius* – espírito guardião e *seculi* – do século) significa o espírito da época, do tempo ou sinal dos tempos. Representa o clima intelectual e cultural do mundo numa certa época – Johann Gottfried Herder.



Aluna refugiada em Escola da Alemanha.

Para a realização das videoconferências, utilizou-se a bibliografia do projeto Global Elias Classroom, plataforma virtual de videoconferências globais entre líderes de diversos países, criada pelo conferencista sênior no Massachusetts Institute of Technology (MIT), Dr. Otto Scharmer.

Os principais objetivos para a proposta foram:

- Aproximações globais para o intercâmbio de culturas e valores diversos.
- Uso responsável das tecnologias.
- Desenvolvimento das capacidades de percepção, empatia e habilidades comunicativas à distância.
- Diálogos cooperativos para a solução de problemas.

Os professores, então, viajariam virtualmente com seus alunos ouvindo pontos de vista de estudantes e outros docentes localizados em diferentes continentes com os quais trocariam informações a respeito de si, das escolas em que atuam, de suas nações e de um tema considerado urgente e abrangente para que, avistando novas interfaces, emergissem proposições conjuntas.

A temática foi “Imigrações no mundo: Considerações e Perspectivas” em razão do impacto que todos sentiam diante da guerra na Síria, das fronteiras abertas ou fechadas no entorno, das longas travessias feitas pelo mar Mediterrâneo, situação que,

consequentemente, fez com que os participantes refletissem sobre tantas pessoas no mundo forçadas a serem refugiadas, seja por questões sociais, seja por questões ambientais.

Muitas perguntas foram feitas entre os docentes participantes e oriundos de várias áreas do saber: tecnologia educacional, programação, idiomas (inglês, alemão e espanhol), sociologia e filosofia, matemática, história e gestão interdisciplinar.

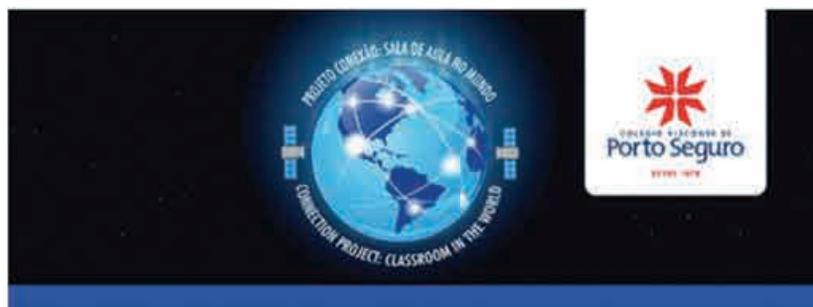
- Será que o conhecimento e as aprendizagens em todas as áreas estão apenas nos livros, nos sites de busca, nos saberes dos

alunos e dos professores de uma única escola?

- Será que as respostas para os conflitos sociais e ambientais que o mundo enfrenta estão apenas com os grandes pesquisadores, economistas, governantes, ambientalistas?
- Será que, ao darmos espaços para jovens se conectarem globalmente, poderíamos conhecer uma nova visão e resposta para o amanhã? Seriam eles os guardiões e mestres do futuro?

A resposta estaria no projeto a realizar. Era uma travessia desconhecida para todos. Será que estaríamos diante de uma nova forma de aprender, entre diferentes escolas e com possíveis avanços para elaboração dos pensamentos e dos sentimentos no âmbito escolar?

Em consonância com essas reflexões, a equipe de Tecnologia da Informação e Engenharia do Porto Seguro começou a implementar a inovação com a instalação de recursos e mobiliário.



CONEXÕES GLOBAIS EM 20/10/2016

Escola	País/Cidade	Nome	Hora Brasil	Hora Local
Obberschule am Burgteich	Alemanha / Zittau	Profa. Rita Villça Gonçalves e alunos	8:15	11:15
ITU Koleji - Istanbul Technical University	Turquia / Izmir	Profa. Margarete Perucci e alunos	9:30	15:30
Amity International School	Índia	Profa. Arti Chopra e alunos	10h	17h
Universidade de Salamanca	Espanh	Prof. Dr. Ignacio Berdugo	13h	16h
Fulton School	EUA / Missouri	Profa. Kara Douglass e alunos	14:30	11:30
Gyeonggi Suwon International School	Coréia do Sul	Profa. Glauce Serralve e alunos	21h	9:00

PROJETO CONEXÃO:

Sala de aula no mundo!



Diálogo com Ex-Reitor da Universidade de Salamanca, Ignacio Berdugo.

Os professores realizaram contatos com escolas de muitos países e começaram a receber respostas favoráveis para o início das conexões. Convidaram um comitê de alunos representantes dos Campi do Colégio para as primeiras videoconferências.

Diante das salas montadas, dos projetores e do Skype, todos estavam prontos para as primeiras expedições que a seguir serão relatadas por meio de alguns fragmentos e percepções.

1ª Expedição (18/8/2016 – 7h no Brasil e 12h em Zittau, Alemanha, na Oberschule am Burgteich): A professora Rita Villaça Gonçalves ministra aulas nessa escola alemã, que é associada da UNESCO e já recebeu 33 crianças e jovens refugiados. Atrás dela, estavam em conexão seis crianças refugiadas. O silêncio se fez presente quando uma menina síria apareceu na grande tela, olhou a todos atentamente, mas depois saiu, pois não tinha condições de contar sobre sua travessia. Outros contaram que vieram da Líbia e do Afeganistão, com famílias ou sozinhos. Demoraram 30 dias, muito tempo andando a pé. Os professores

relataram sobre a dificuldade de ensinar o alemão, o cuidado com suas histórias e a inserção na sociedade. Quando os alunos perguntaram qual a resolução para a questão, a diretora da escola disse não saber, mas solicitou que divulgassem os diálogos a outros países, pois o mundo precisa de fraternidade.

2ª Expedição (18/8/2016 – 15h no Brasil e 17h em El Salvador, no Centro Escolar España, com o professor Ramon B. R. Yanes): O computador pequeno, com o Skype conectado do outro lado, apresentou as alunas, alegres por falarem com brasileiros. E, sobre imigrantes, relataram que gangues fazem civis fugirem para o México ou Estados Unidos. Uma delas relatou que seus pais partiram há dois anos e, mesmo sem notícias, ela tinha a certeza de que voltariam. Do lado de cá, alunos com os olhos marejados. Vem a pergunta: Como resolver? Disseram para reduzir a violência e lutar por governos mais honestos.

“Foi especial ter tido contato direto com as pessoas pelo mundo se manifestando ao vivo. Vimos como foi difícil para a aluna síria falar,

como também será complicado para a afegã voltar para visitar sua família. Vamos levar esse momento para toda a vida”. (Valentina Grando, 2ª série do Ensino Médio).

O Presidente da Fundação Visconde de Porto Seguro, mantenedora do Colégio Visconde de Porto Seguro, Dr. Marcos Alberto Sant’Anna Bitelli, que investiu no Projeto, considera essa experiência não apenas importante, mas necessária, uma vez que os jovens estão já muito inseridos nas novas formas de comunicação, sem mediadores. Com o Projeto, ainda que haja tutoria, eles exercem livre e coletivamente o aprendizado por meio da vivência interativa com a realidade do outro.

“A proposta aproxima jovens e oferece possibilidades infinitas de intercâmbio de ideias direcionando-as para soluções globais”. (Marco Antonio Justo Losso, professor de História e jornalista)

Algo acontecia a cada videoconferência na Sala Global (como os alunos começaram a chamá-la): todos sentiam-se na grande sala de aula do mundo. “Quando a tela vira janela temos uma abertura compar-



Grupos de Pesquisa em Interdisciplinaridade - PUC SP participaram das videoconferências.

tilhada para o novo. Há aqui uma inteligência empática que nos une a questões globais e locais. É uma riqueza para o ecossistema escolar”. (Prof. Dr. Francisco Tupy G. Correa).

Mais expedições

3ª Expedição (15/9/2016 - 5h30 no Brasil e 10h30 em Munique, Alemanha): “Olhar mais de uma centena de alunos simultaneamente nos Campi, numa manhã de inverno participando virtualmente de um congresso internacional no Deutsches Museum, que discutiu o futuro em 2030, é apenas um exemplo do que estamos fazendo. Participar de eventos educativos no outro lado do planeta consolida nosso compromisso de formar excelentes alunos que contribuam para um mundo melhor”. (Mauritius M. F. R. V. Dubnitz, Diretor de Relações Teuto-Brasileiras do Colégio)

Em outras sessões globais, o ex-reitor da Universidade de Salamanca Dr. Ignacio Berdugo, que coordena a cátedra de estudos brasileiros, ministrou uma aula magna sobre a imigração. Alunos da Coreia do Sul, em conexão, falaram sobre imigrantes e empregabilidade.

“O Projeto Conexão pode ser observatório e, ao mesmo tempo, um grande farol pois por meio de videoconferências globais, as escolas podem tornar-se uma central viva para o intercâmbio de jovens alunos e professores do mundo. Estamos



Expedição El Salvador.

abrindo a aula, abrindo as fronteiras da Educação básica, conectando-nos e dialogando com os cinco continentes” (Diretora Geral Pedagógica, Profa. Dra. Silmara Rascalha Casadei).

“Tivemos a oportunidade de entender um pouco o que realmente acontece por trás dos noticiários e percebemos que, somente por meio da empatia, teremos chance de construir um mundo melhor. Finalizamos o dia compartilhando nossas reflexões a respeito das cinco videoconferências. Concluímos que essa interação não só desenvolveu habilidades nos idiomas como nos aproximou de pensamentos aos quais dificilmente teríamos acesso”. (Sophia Bianchi Moyon, 2ª série do Ensino Médio).

Para a professora Rita Villaça, da Alemanha: “Na globalização, não basta se conectar e se informar, é preciso abrir-se a culturas e no-

vos conhecimentos. Demonstrei ao Brasil um pouco da realidade dos alunos imigrantes, que, oriundos de países em guerra e com suas histórias de vida, também se conectaram com brasileiros, vivenciando uma experiência inédita e com a língua alemã, o que enriqueceu a aprendizagem do idioma”.

Na conexão realizada com a Turquia, os alunos da escola de ITU Koleji – Istanbul Technical University, da professora Margareth Perucci, trouxeram outros pontos de vista. “Apesar do sentimento de tristeza pelas guerras, eles sentem-se invadidos em suas privacidades. Imigrantes ficam nas praças, não há um programa que acolha tantos refugiados. São milhares, nem sempre os civis têm como ajudar”.

PROJETO CONEXÃO: Sala de aula no mundo!



Diretorias Gerais com Sabine Detzel
- no Encontro Nacional do PEA - Natal.

À medida que o projeto avança, percebe-se uma maior consciência global. “É uma vivência mágica que semeia a ética e nos faz sentir parte desta grande família chamada humanidade. É algo a ser muitas vezes vivenciado”. (Cintya Prospero, professora e coordenadora de Filosofia e Sociologia do Colégio).

O mundo na escola

Para Adriana Ricci Coube, ex-aluna do Porto e mãe de aluno que assistiu às expedições, “a Sala Global oferece uma oportunidade gigantesca para lidar com a diversidade. Senti orgulho dos jovens, de vê-los bem preparados. O mundo está aqui. O mundo estava naquela sala, na Escola”.

De acordo com Joice L. Leite, Coordenadora Institucional de Tecnologia Educacional, “o projeto envolve, aproxima e amplia a visão dos alunos. É a tecnologia em favor da formação do cidadão do mundo, do cidadão global!”

Com os alunos, podemos realizar expedições e descobertas de uma nova riqueza: a expressão de suas vozes no mundo. “A iniciativa foi marcante.

Nós tivemos a chance de questionar e aprender mais sobre o tema, de compartilhar e receber diferentes visões de mundo, o que certamente nos fez repensar nossas realidades e abrir nossos pensamentos de modo a estabelecer relações com o outro”. (Giulia Martins, 2ª série do Ensino Médio).

“Foi um verdadeiro movimento interdisciplinar. Aqui, desvelaram-se olhares e as escolas atravessaram juntas terras e oceanos. Todas geradoras possíveis de projetos para o mundo real em escala de grandeza. Os países participantes deviam multiplicar a experiência”. (Pós-Dra. Ivani Fazenda, da PUC-SP, que esteve com mestres e doutores assistindo ao evento global).

Nicole Buuk, uma das redatoras do comitê, da 2ª série do Ensino Médio, menciona as palavras do jovem refugiado sírio: “Ele (Amer) diz que nós fomos feitos para nos amarmos, não para nos matarmos. Seu desejo é que seu país saiba o que é felicidade novamente e que possam ter a boa fortuna de uma vida normal. ‘We need love and peace for the whole world. We are humans. We are all the same’ (‘Precisamos de amor e paz para o mundo. Somos humanos, somos todos iguais’). O mundo precisa de jovens cidadãos ativos, cheios de amor e bondade, com ideias e empatias, pessoas solidárias! O sofrimento do outro é seu também. Vivemos no mesmo planeta!”.

“Encontro de nós... outros. Um caleidoscópio em que vimos cenários de rupturas, entregas, emoções e transformações humanas. Línguas estrangeiras e maternas misturadas propuseram novas ressignificações”. (Priscila Reis, coordenadora de Espanhol).

“Consciência global em prol do respeito à vida”

“Aguçamos o olhar para ver além da tela. Viajamos e conhecemos histórias, culturas, crenças. Fomos construindo pontes, onde ainda tentam construir muros”. (Sandra Magalhães de Oliveira, professora e coordenadora de Inglês.).

A respeito do tema posto em discussão, “Imigrantes: Considerações e Perspectivas”, constatou-se que são necessárias políticas mundiais que impeçam atrocidades bem como ajuda humanitária em forma de políticas locais eficientes. Os alunos reconhecem a importância de conversarem com outros povos sobre temas difíceis e sobre soluções em diversas áreas para ampliarem a visão, compreensão e atuação. Também, os estudantes ficaram felizes, pois falaram sobre sua escola e seu país, o Brasil.

Os professores agora preparam propostas para todos os alunos do Ensino Fundamental e Médio, a fim de que os temas sugeridos sejam conhecidos com várias interfaces. A rede está lançada e o Colégio já cadastrou escolas de 17 países para os próximos eventos. E muito há o que aprender nessas travessias.

Espera-se que o Projeto Conexão: Sala de Aula no Mundo ajude a promover uma maior conscientização global em prol do respeito à vida e a encontrar respostas a tantas novas perguntas. E se não aprendemos ainda a como responder, que pelo menos saibamos dialogar e perguntar: Como podemos contribuir?

Estamos conectados. 

Veja o documentário sobre
o Projeto Conexão:



Escola pública do PEA é uma das mais sustentáveis

O tema da sustentabilidade está presente em muitas dimensões da vida escolar. Pode estar no trabalho educativo para reduzir o desperdício, na coleta seletiva, em práticas como as hortas escolares e nos projetos de reciclagem, por exemplo. Mas raras são as instituições de ensino que representam, por inteiro, um conceito aplicado de sustentabilidade. Pois este é o caso da Escola Estadual Erich Walter Heine, do Rio de Janeiro, que receberá seu certificado de escola associada em 2017 e poderá, assim, compartilhar todas as suas experiências nesse campo.

E experiências não faltam. A escola acaba de receber um certificado internacional, denominado LEED Schools (Leadership in Energy and Environmental Design), do Green Building Council. Apenas 121 escolas mereceram essa distinção, quase todas localizadas nos Estados Unidos. Em toda a América Latina, a única representante é a escola brasileira.

O espaço é modulável, ou seja, as salas de aula são flexíveis, conforme o uso. Além disso, seguem padrões de conforto térmico, o que é essencial no Rio de Janeiro. Com formato de catavento, cada prédio corresponde a uma das pás, divididos em quatro blocos separados, com passagens entre eles e um qua-

drado no meio. Assim, o ar que entra pelas passagens bate nas paredes internas e circula pelo pátio interno.

O telhado verde, tendência internacional no campo da sustentabilidade, foi construído sobre uma cobertura produzida a partir de resíduos da indústria têxtil e de borracha reciclada. A cobertura vegetal reduz a temperatura em até 6°C, em uma região que facilmente ultrapassa 40°C no verão.

Para a certificação, a lista de características a serem observadas é grande. Uma delas é o sistema que capta água da chuva para uso nas descargas dos vasos sanitários, nos jardins e na limpeza e chega a economizar metade da água potável disponível no local.

Outras características são exigidas, por serem extremamente importantes para preservação do meio ambiente e para a sustentabilidade: a redução do consumo de energia, que na escola brasileira chega a 80%, graças à iluminação feita com lâmpadas LED; a instalação de painéis solares para geração de energia limpa; a coleta seletiva e espaço para armazenar lixo para reciclagem; bicicletário e vagas especiais para veículos com baixa emissão de poluentes; o reaproveitamento de 100% do material de entulho gerado durante a obra, a plena acessibilidade, entre outras. ◇



Oficinas de Linguagem:

rimas, poesia, jogos de adivinhação

Rimas, poesias e jogos de adivinhação são importantes aliados na prevenção e promoção da comunicação e do processo de aprendizagem de leitura e escrita.

Por acreditar que a educação é fruto da formação integral do indivíduo, ou seja, vai além da cognitiva, a atuação de uma equipe multidisciplinar, composta por fonoaudióloga, psicóloga e psicopedagoga, sempre foi prerrogativa do Colégio Cermac, de São Paulo.

Com o passar do tempo e a evolução dos estudos em neurociência, observou-se que, mais do que identificar dificuldades e encaminhá-las para terapias especializadas, a escola deve atuar na prevenção e promoção

da comunicação e do processo de aprendizagem da leitura e escrita.

Trabalhando com os sons e significados das palavras, partindo de temas que estejam em consonância com os propostos pela UNESCO e de obras da literatura infantil previamente selecionadas, as atividades desenvolvidas propõem a interpretação dos textos lidos, a criação de bancos de palavras, convidam para a formação de pequenos textos coletivos de diferentes gêneros literários, estimulam a criatividade e imaginação, iniciando assim o desenvolvimento da elaboração gráfica.

Os alunos participam, toda semana, de momentos especiais, como a “Hora do Mistério”, onde tentam des-

cobrir, a partir de rimas, que objeto está escondido dentro de uma caixa misteriosa. Ou tentam reconstruir, com suas próprias rimas, obras de nomes famosos da literatura mundial.

Assim, além de colaborar na introdução do hábito e, principalmente, do gosto pela leitura, estas atividades ajudam a perceber e prevenir eventuais deficiências no processo de aquisição da linguagem de cada um dos alunos.

Em 2016 o tema explorado nas oficinas foi o Entendimento Global e as atividades foram direcionadas para conceitos como respeito, esperança, perseverança, cuidado com o planeta e paz. Além disso, a importância da alimentação para o crescimento com especial atenção para as leguminosas, criaram “rimas saborosas”.

Com a coordenação e atuação, desde de 2013, da fonoaudióloga Ana Lúcia Durán Martinez Abrão e a colaboração da equipe de professores, coordenadores e psicóloga, o projeto foi reconhecido como um diferencial importante, recebendo em 2015 o ouro do PNGE (Prêmio Nacional de Gestão Educacional) e, em 2016, o primeiro lugar do “Desafio Semeando Boas Práticas” proposto pelo Instituto ABCD em parceria com a Associação Brasileira de Dislexia.

Este projeto envolve os alunos de berçário, educação infantil e 1º ano do ensino fundamental e se reflete no desenvolvimento ao longo de todo o percurso escolar.



Casa familiar rural recebe apoio do Criança Esperança

Entre as muitas ações que destacam a UNESCO no Brasil está a realização do projeto Criança Esperança, em parceria com a Rede Globo. Em 2016, este projeto trouxe novos horizontes para uma das escolas associadas do PEA – a Casa Familiar Rural.

A UNESCO destinou recursos para manter o projeto, que vem mudando a vida de centenas de adolescentes no interior da Bahia. Trata-se de um projeto que tem como público-alvo filhos de pequenos agricultores. Busca o fortalecimento das organizações comunitárias rurais e a melhoria das condições de vida da população rural, tornando adolescentes e jovens protagonistas capazes de gerar e multiplicar novos conhecimentos nas suas propriedades rurais e comunidades.

As ações são realizadas tendo como metodologia a Pedagogia da Alternância, ou seja, os jovens passam duas semanas na propriedade rural da família e uma semana no centro de formação - CFRI, buscando a interação entre o conceito e a aplicação prática.

Os adolescentes saem com formação Profissional de Nível Técnico em Agronegócio Integrado ao Ensi-

no Médio, prontos para atuarem em suas comunidades. O projeto visa estimular a produção integrada e ambientalmente sustentável. O adolescente torna-se agente de desenvolvimento em suas comunidades rurais, proporcionando ao educando o desenvolvimento de competências e habilidades para o desempenho eficaz e eficiente de atividades produtivas em suas propriedades.

Nesse processo, reconstrói seu sentido de pertencimento e se fixa em sua comunidade de origem, fortalecendo-o e abandonando projetos muitas vezes ilusórios como o de tentar a sorte na periferia das grandes cidades.

A escola beneficiada pelo projeto é a CFR-I, localizada no município de Igrapiúna e atende diretamente mais de 53 comunidades rurais. 



A Nova Escola

Pensar na nova escola é pensar numa escola sem muros. A redefinição do papel da escola definirá o futuro da própria escola, e sua própria sobrevivência.

A escola surgiu na era industrial com a necessidade de responder a uma demanda crescente por mão de obra. Seguiu também a lógica industrial, de padronização, de massificação, de produção em série de pessoas qualificadas para a produção industrial. Além disso surgiu com o objetivo principal de transmitir às próximas gerações as tradições e os costumes vigentes, perpetuando-os e fortalecendo-os.

Tais objetivos foram extremamente eficientes e garantiram o crescimento econômico e a manutenção do status quo por décadas. Mas o mundo seguiu seu curso de mudanças. E a tecnologia trouxe avanços que alteraram radicalmente as relações humanas, sociais, comerciais, econômicas e culturais. O mundo de hoje é vertiginosamente acelerado e relativamente muito menor do que era. Tradições são questionadas; paradigmas quebrados, numa velocidade jamais vista. O dinamismo do mundo contemporâneo extingue profissões e cria outras num piscar de olhos. E nesse cenário o papel da escola já não pode mais ser o mesmo, sob pena da mesma tornar-se uma instituição anacrônica, obsoleta e supérflua.

Por conta da dificuldade da escola em se reinventar, aumentando gradativamente a distância entre si e a realidade ao seu redor, vários movimentos alternativos co-

meçaram a surgir, na tentativa de responder às demandas de uma sociedade que já não se contenta mais com o pensamento industrial, e começa a desenvolver uma lógica pós-industrial. Home Schooling, Unschooling e Hack Schooling começam a crescer, pois as novas gerações cada vez mais encontram dificuldades em perceber valor no que a escola tradicional propicia a seus aprendizes, e buscam alternativas para sua sede de saber. A sensação de perda de tempo é devastadora nos alunos; e a escola continua impassível, no alto de seu pseudo-saber e de sua incapacidade de dialogar com a sociedade. O papel da escola está sendo severamente questionado e mesmo assim a mesma parece não reagir a esse contexto.

A escola de hoje precisa acertar seu relógio para os tempos atuais. A lógica industrial perde força cada vez mais; um novo cenário surge, e o alvorecer pós-industrial exige um novo pensamento e, mais do que isso, um novo padrão educacional, com novos papéis e novos desafios.

A escola precisa mudar. De reprodutora, precisa passar a ser produtora de conhecimento. De passiva, indiferente às mudanças, precisa se antecipar às mesmas. A escola de hoje precisa propor; precisa ser protagonista e agente de transformação da sociedade. Não basta mais ser reprodutora de um status quo que só perpetua a desigualdade social e econômica, e que não nos traz o desenvolvimento que já poderíamos desfrutar.

Mas como mudar esse cenário? Como transformar a escola de hoje em uma escola atualizada e sintonizada com a era em que estamos?

É preciso repensar o papel de todos os atores da escola, de professores a alunos. A escola não é mais a única detentora do conhecimento. Hoje, ao alcance de nossas mãos, temos um universo de informações e de fontes que fazem com que o papel dos professores tenha de mudar dramaticamente. As aulas não podem mais ser centralizadas na figura do professor; ele precisa tornar-se um mediador eficiente; um parceiro no processo de busca de respostas por parte dos alunos. O professor deixa de dar as respostas; ele passa a indagar seus alunos e auxiliá-los no processo de busca e pesquisa pelas respostas. Os alunos por sua vez trazem suas experiências pessoais, suas interpretações... nada é absoluto; e cada interpretação individual é respeitada e valorizada como original, única; e pode ser conjugada a outras interpretações para construir soluções jamais pensadas para problemas antes insolúveis. Com isso aprendizes ensinam e professores aprendem; a própria escola enquanto instituição precisa estar constantemente aberta a aprender.

A escola precisa assumir seu protagonismo na sociedade, e nas comunidades ao seu redor. Os muros da escola precisam sumir, figurada e literalmente. O diálogo com as

comunidades e a própria educação das mesmas precisa tornar-se um objetivo primordial, uma obsessão. Sem assumir sua vocação de educar para além das fronteiras físicas da escola, a mesma sucumbirá, pois encolherá em importância e poderá ser facilmente substituída por alternativas tecnológicas que estão crescentemente disponíveis.

Pessoas são diferentes. E a lógica pós-industrial permite a individualização do aprendizado. A ideia de uma personalização dos processos de ensino e aprendizagem humaniza a educação e a transforma em algo que necessariamente precisa de significância para cada indivíduo envolvido nesse processo. É a era da tecnologia que humaniza.

Este é um processo lento, que exige perseverança e crença. Perseverança porque o trabalho de remar contra a maré é ingrato e duro, mas que compensará ao final. E crença em um novo modelo educacional, mais equânime, mais justo, mais participativo, e que permita a cada indivíduo explorar ao máximo as suas potencialidades e possibilidades de desenvolvimento, colaborando para a coletividade.

Mas qual o caminho? Por onde começar?

Essa é uma indagação sem uma resposta única. Cada comunidade ao redor da escola muda as necessidades, as carências, as prioridades... O mais importante é mudar a relação entre a escola e a comunidade, entre a escola e seus alunos. A nova escola precisa dialogar com seus atores; precisa interagir com os mesmos na busca por soluções de problemas do dia a dia. E precisa propor: trazer sugestões de resolução de problemas para o bem-estar da comunidade ao seu redor.

A escola de hoje precisa focar suas intervenções no desenvolvimento de competências para a resolução de problemas. Pensamento crítico, capacidade de construir de forma original, empatia, visão sistêmica, são valores novos a serem perseguidos. O mero domínio de conteúdos não basta: é preciso ser capaz de transferir o conhecimento para a realidade, transformando o mesmo em um entendimento mais universal e duradouro, aplicável a diferentes situações e contextos. Num mundo em constante mutação, preparar os alunos para o imprevisível é um diferencial poderoso. Preparar as futuras gerações para contextos que hoje ainda nem existem, para profissões e desafios hoje impensáveis, este é o grande desafio da escola no século XXI.



A escola e o professor tal como os concebemos hoje estão com os dias contados. Ambos irão desaparecer? Não creio. Entretanto há que se ressignificar a ambos: a escola precisa tornar-se mais fluida, mais conectada com a comunidade e o mundo ao seu redor, e o professor precisa esquecer o seu papel anterior, de fonte única de conhecimento, para tornar-se um catalisador dos processos de pesquisa, reflexão e busca de respostas por parte dos alunos.

A escola que precisamos hoje é educadora das comunidades, dialoga com elas, aprende e ensina, mas sobretudo redescobre seu papel na sociedade. Um papel não menos importante, mas muito mais relevante para a conjuntura atual: não mais a de transmitir tradições e culturas, mas sim de propor novos paradigmas e construir novas culturas na busca por uma sociedade mais justa e desenvolvida, plural e estável. 

CARLOS HENRIQUE TRINDADE É EDUCADOR E TRABALHA HÁ MAIS DE 25 ANOS NA ÁREA DE ENSINO DE LÍNGUA INGLESA, COMO PROFESSOR E GESTOR EM INSTITUIÇÕES POR TODO O PAÍS. CARLOS TAMBÉM TRABALHOU NAS PRINCIPAIS EDITORAS INTERNACIONAIS DO MERCADO DE ELT (ENGLISH LANGUAGE TEACHING). NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS TEM SE DEDICADO À IMPLEMENTAÇÃO DE PROGRAMAS DE ENSINO BILÍNGUE EM ESCOLAS PARTICULARES EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL. CARLOS É GRADUADO EM LETRAS PORTUGUÊS/ INGLÊS E É ESPECIALISTA EM DIDÁTICA PARA A EDUCAÇÃO BILÍNGUE PELO INSTITUTO SINGULARIDADES - SP. ATUALMENTE CARLOS É O GESTOR DA MAIS NOVA INICIATIVA DO GRUPO ESPANHOL SANTILLANA: EDUCATE BILINGUAL PROGRAM.



Ambientes colaborativos de aprendizagem

Fernanda Alves (f@mestra.org) | Taís Aranha (ta@mestra.org)

Compartilhar e colaborar são dois termos que invadiram não só as atividades rotineiras e de trabalho, mas também o universo educativo. Associados ao armazenamento na nuvem e à ubiquidade da informação, os dois conceitos têm transformado o ambiente de sala de aula: diferentes alunos podem interagir num mesmo documento em tempo real; professores podem dar feedbacks online, grupos podem trocar informações de maneira instantânea e construir juntos o conhecimento em sala de aula ou fora dela.

Essas interações, promovidas pela tecnologia e por sua presença cada vez mais marcante na educação, têm levado professores e pesquisadores a repensar inclusive os espaços escolares. Como concretizar no espaço físico aquilo que se vivencia na teoria pedagógica? Como transformar a escola de modo a torná-la um ambiente propício para a colaboração e o compartilhamento? Para atender a essas demandas, muitas instituições têm transformado áreas antes pouco ou subutilizadas (bibliotecas, laboratórios de informática, salas de reuniões) em verdadeiros ambientes colaborativos de aprendizagem.



Centro Educacional Século

Nossos alunos estão mais felizes, querem passar mais tempo na escola. Utilizam a sala como ambiente de interação, presencial e virtual. Os professores encontraram mais um ambiente inovador dentro da escola, que simplifica e otimiza o trabalho, criando tarefas digitalmente, corrigindo automaticamente, de maneira sustentável. A sala favorece a aprendizagem, dando liberdade para que o professor explore outras metodologias e a aula se torne mais agradável e significativa.

Sandra Oliveira

Mantenedora do
Colégio Anglo Morumbi



O ambiente possui um espaço exclusivo onde são disponibilizados Chromebooks, óculos de realidade virtual e TVs interativas para que os alunos possam se aventurar no mundo dos aplicativos. Com apoio dos alunos tutores, os professores somam ideias e promovem diferentes interações a cada encontro.

Irany Xavier de Andrade

Diretora Geral do Complexo Educacional Contemporâneo

Saem as baias, os computadores usados individualmente, as mesas para grupos fixos e ganham destaque as mesas comunitárias, os equipamentos móveis (que podem inclusive atender outros ambientes da escola), os móveis modulares, que permitem diferentes agrupamentos (rodas de leitura, trabalhos em grupo, debates, videoconferências, visualização de filmes, apresentações individuais, atividades não formais e de socialização, etc.). Constrói-se, portanto, um espaço dinâmico, que pode se adaptar a diferentes públicos e fins.

Toda essa transformação do espaço implica também alterações na prática docente e reorientações da metodologia. De acordo com pesquisadores da Unicamp (Projeto Sapiens), os ambientes colaborativos são “espaços compartilhados de convivência

que dão suporte à construção, inserção e troca de informações pelos participantes visando à construção social do conhecimento”. Algumas ideias importantes sustentam esse tipo de espaço: o conhecimento, cada vez mais complexo, é compartilhado; o professor é um mediador e facilitador de situações de aprendizagem para o aluno, cujos conhecimentos prévios são sempre requisitados; a diversidade e a diferença são valorizadas; as práticas e a interação são flexíveis; os objetivos são construídos de forma coletiva, embora sempre se prevejam momentos de suporte para atuações individuais (Sapiens-Unicamp).

Deriva desses fundamentos uma nova relação com a tecnologia, que deve ser apropriada por alunos e professores, de modo a fomentar o letramento digital e a agência do indivíduo no cenário atual. Para tanto, implementa-se em muitas instituições o que se conhece atualmente por metodologias ativas (ensino ativo; ensino baseado em problemas - PBL; aprendizagem baseada em projetos, etc.). Trata-se, portanto, de imprimir ao espaço concreto da escola aquilo que tem sido discutido nas mais recentes teorias pedagógicas. ◇

A Xperience Room permite que utilizemos ferramentas tecnológicas para a aplicação de metodologias ativas na educação. Esse espaço recupera o prazer em aprender a partir de uma forma inovadora e empreendedora. Os estudantes são desafiados a serem proativos na construção do conhecimento. Logo, mudam-se as formas de ensinar e de aprender onde educadores e educandos agregam valor ao se apresentarem ativamente no processo educativo.

Paulo Fossatti
Reitor Universidade La Salle





Um evento digno dos 20 anos do PEA

Tendo o mar e as dunas de Natal como cenário, os mais de 450 participantes do Encontro Nacional do PEA, foram recepcionados por Lampião, Maria Bonita e seu grupo de “cangaceiros”, ao som de músicas e danças típicas da região. Foi assim que os alunos da escola CEI Romualdo Galvão demonstraram todo empenho e dedicação dispensados à organização do evento. Cada detalhe continha o carinho da Coordenadora re-

gional do Rio Grande do Norte, Maria Lucia Andrade de Azevedo, orgulhosa por ter o Encontro Nacional em sua casa.

A abertura demonstrou o reconhecimento do PEA. Estavam os palestrantes e as autoridades que prestigiaram a abertura do encontro. Representando a Unesco, a Coordenadora Internacional do Programa de Escolas Associadas, Sabine Detzel, deu as boas-vindas a todos. Além



A coordenadora internacional Sabine Detzel prestigiou o Brasil com sua presença.



Ao lado de Myriam, Rufina Moreno (Espanha), Fátima Claudino (Portugal) e Rocio Solis (Costa Rica).



Apresentação de abertura teve como tem aos afrodescendentes.

dela, estiveram presentes também as coordenadoras da Espanha, Rufina Moreno; de Portugal, Fátima Claudino; e Rocio Solis, da Comissão Nacional da UNESCO da Costa Rica.

A primeira noite, muito além de um compromisso, foi um presente aos que ali estavam. A emoção começou com o hino nacional, entoado por alunos da escola anfitriã, passando por atrações culturais que produziram um espetáculo completo: a performance do Grupo de Dança Diocesana e a encenação de “África: sol vermelho, terra negra”, com alunos do Colégio Diocesano Santa Luzia de Mossoró, além da apresentação muito divertida da Banda de Pífanos de Caruaru.

Para finalizar, o coquetel à beira da piscina foi uma ótima oportunidade dos participantes reverem os amigos, conhecerem pessoas de lugares e escolas diferentes, de retomarem contatos, reforçando os laços de amizade e a vontade de trabalhar em conjunto.

Veja alguns dos momentos importantes do Encontro.

A Rede PEA e a construção do amanhã

Em dois dias repletos de atividades e reflexões, planos e projetos iam sendo construídos, por meio da troca de ideias entre os participantes do encontro. Nomes importantes da área da educação falaram sobre suas pesquisas e experiências, sensibilizando e validando as discussões.

Sabine Detzel, Coordenadora Internacional da Rede PEA-UNESCO, falou sobre os rumos que conduzirão os trabalhos da rede, partindo dos



Banda de Pífanos de Caruaru: a arte e a cultura regional estiveram presentes.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos pela UNESCO. Deixando claro que todos os presentes, incluindo seus grupos de colaboradores e alunos, são membros importantes da UNESCO, que devem trabalhar em consonância para melhorar o futuro do planeta, Sabine colocou-se à disposição da Rede Nacional, mostrando-se muito satisfeita com o trabalho desenvolvido até agora.

Falar de futuro é falar de valores. Mas que valores?

A partir desta provocação, Telma Vinha trouxe à discussão um dos deveres mais importantes da escola, o de formar pessoas éticas, justas, conscientes, mais respeitadas e preocupadas com o bem-estar comum, acima do seu próprio conforto.

Com a pesquisa “Avaliando valores em escolares e professores: construção de uma escala”, da Fundação Carlos Chaga como pano de fundo, reflexões acerca da adesão aos valores de justiça, respeito, solidariedade e convivência democrática, em vários âmbitos da vida, tanto pessoal quanto profissional, foram ganhando contorno e clareza.

O futuro das tecnologias educativas

As empresas Google, Apple, Facebook e Amazon tornaram-se superpotências da nova economia, transformando as regras estabelecidas sobre as estratégias de negócio. Para



Luiz Carlos de Menezes falou sobre educação científica.

Vanderlei Martinianos, cujo tema foi o futuro da educação, estas empresas ignoraram os conceitos clássicos de mercado, concorrência, posicionamento ou produto, para colocar os clientes no centro do seu universo. E elas estão investindo em educação. Com novos métodos, aplicativos e formas de ver o aprendizado, ele acredita que os professores devem aprender sobre funcionamento do cérebro, a neurociência, além de investir em novas pedagogias.

Formação científica para os desafios deste século

Na sala de aula, a multiplicidade de ações e pensares, em alguns casos convergentes, podem gerar conflito. Esse conflito não é necessariamente negativo. Quando bem estruturado e encaminhado pelo professor, pode trazer à tona discussões e novos caminhos muito benéficos ao aprendizado significativo. Neste contexto, a proposta de Luiz Carlos de Menezes é trazer a ciência como recurso para enfrentar os desafios desse complicado século XXI.

A escola pretende informar, educar, porém, a aula expositiva não garante a obtenção de informação. Em contrapartida, a ciência e a tecnologia, o experimentar, errando e acertando, são excelentes ferramentas, mas a inércia do repassar o pensamento científico não acompanha a

rapidez com que as coisas se modificam atualmente. Um bom exemplo disso é, em física, ensinar eletromagnetismo da lâmpada incandescente, enquanto vivemos a troca deste material por LED. Não há LED nos livros de física atuais. Outros exemplos são vistos diariamente. “Por que as portas do shopping abrem e fecham sozinhas quando alguém passa?” Esta é uma questão simples, vivida pela maioria dos alunos, e que a escola não está preparada para responder.

Tempo de Inovação

Completando 18 anos de trabalho no campo da educação, a Google não para de inovar. Alexandre Campos

contou um pouco das experiências positivas e dos progressos apresentados desde o início do projeto, adiantando os novos rumos propostos pela empresa: levar a internet para todo mundo, no mundo todo.

A proposta de tecnologia educacional, mais especificamente o Google em sala de aula, defende projetos que tragam, em sua essência, simplicidade, mas que sejam fomento à inovação, à pesquisa e ao interesse do aluno e que visem, principalmente, o engajamento das pessoas. É uma proposta possível e que já deu certo em algumas escolas.

A educação humanista inovadora

José Manuel Moran trouxe uma reflexão sobre as escolas inovadoras, defendendo a construção de trilhas significativas de aprendizagem nas vidas dos professores e dos alunos. Trilhas estas que ampliem a percepção, o conhecimento, as competências e os valores de cada um, relacionando sempre o que é considerado socialmente importante com a vida, os interesses e necessidades de cada estudante, combinando ro-



José Moran trouxe uma visão prática o uso da tecnologia na escola.



Forró do Turista: o jantar de confraternização do PEA aconteceu em um local típico, em meio a muita amizade, dança e alegria.

teiros semiestruturados e abertos que ajudem a realizar escolhas mais relevantes, libertadoras e felizes em todas as dimensões da vida.

Para que o projeto seja bem-sucedido, envolver o aluno significativamente é o ponto principal. Além de motivá-los para aprender, o professor precisa conhecer o aluno, seu histórico, suas paixões, motivações, expectativas. Ter um planejamento aberto, com coautoria do aluno que compartilhe materiais e experiências com os colegas, surpreendendo com metodologias ativas e, acima de tudo, valorizando suas produções.

A gestão no PEA: liderando a educação em valores

Para falar de escola de alto desempenho, André Guadalupe expôs muito de sua experiência na gestão e consultoria de escolas de sucesso. Segundo sua definição, a escola de alto desempenho é aquela onde o processo de ensino-aprendizagem supera expectativas definidas, que vai além do que se espera e que atinge padrões realmente elevados. Neste tipo de escola é necessário muita energia e foco. Foco, principalmente no aluno, pois a ideia é formar pessoas que façam a diferença na vida de outras pessoas. Para isso, o investimento forte no professor é prioridade.

Cultura regional

Tão importante quanto os momentos de estudo e reflexão, a oportunidade de estar com pessoas de outras escolas, outros estados e cidades, mas que comungam de um mesmo ideal, é muito valorizada.

Durante os horários de coffee-break, almoço, jantar, nas horas vagas na beira da piscina ou nas caminhadas pela cidade, laços são fortalecidos, parcerias são formadas e a educação vai tomando o rumo e a força que esta comunidade tanto almeja.

Afinidades são descobertas nos momentos de descontração e ale-

gria, como na visita à escola anfitriã CEI Romualdo Galvão.

Fechando com chave de ouro o Encontro Nacional 2016, o grupo foi ao Forró com Turista, no Centro de Turismo Natal. O local é o antigo presídio da cidade, tombado pelo Patrimônio Histórico e abriga centro de artesanato, onde cada antiga cela é uma pequena loja.

Convidados a dançar entre si e com os dançarinos da casa, todos comeram, brincaram e riram muito. Com a sensação de dever cumprido, a diversão tornou-se ainda mais especial. 

Reportagem escrita a partir de relatório do educador Eduardo Francini, de São Paulo.



Encontro Nacional de Natal teve intensa cobertura da mídia.

#EnjoyLife



**DIAS
INESQUECÍVEIS**

APRENDENDO

E SE DIVERTINDO!

Abra as portas da sua
escola para o mundo!

HÁ MAIS DE 10 ANOS
A LIFE INTERCÂMBIOS LEVA ALUNOS
DE TODO O BRASIL PARA CONHECER,
EXPERIMENTAR E VIVENCIAR A
INTERNACIONALIZAÇÃO NA PRÁTICA,
POR MEIO DA COMPREENSÃO, AÇÃO
SOBRE O MEIO E A COOPERAÇÃO MÚTUA.



CONTATO

contato@lifeintercambios.com.br

www.lifeintercambios.com.br

   /lifeintercambios

Telefone: +55 (11) 2729 5007

PEA vai à Finlândia



Viagem à Finlândia proporcionou momentos de intensa aprendizagem. Muitas visitas às escolas mostraram o coração da educação mais celebrada do mundo.



Entre os dias 02 a 11 de setembro de 2016, trinta educadores da Rede PEA estiveram em mais uma missão pedagógica internacional. Em sua quarta edição, as missões têm o objetivo de levar os educadores do PEA a conhecer diferentes sistemas de ensino para aplicar o que acontece de bom em outros países nas próprias escolas. Já foram visitadas escolas na França, Espanha, Portugal, Holanda e agora Finlândia.

Nesta edição, os primeiros cinco dias foram dedicados a visitas de estudos ao sistema educacional finlandês e os três últimos à participação em reunião presidida pela Sra. Sabine Detzel, Coordenadora Internacional das Escolas Associadas à PEA-UNESCO, realizada na sede da UNESCO, em Paris.

Em Helsinque, o grupo foi recebido pela Sra. Prof^a Eeva Penttilä, que, na qualidade de dirigente de Relações Internacionais do Ministério de Educação e Cultura da Finlândia, acompanhou o grupo como mentora

durante todo o percurso, relatando, referenciando e contextualizando as conquistas e o desenvolvimento dos finlandeses no campo educacional. “O que acontece com o sistema educacional de um país é sempre reflexo de sua história e representa as escolhas que os antepassados fizeram, sua cultura e suas necessidades”, disse a professora Eeva, na conversa de recepção dos brasileiros.

Para compreendermos os princípios que hoje regem a educação na Finlândia é necessário conhecermos traços de sua história.

“O profundo interesse na Educação tem raízes históricas em nosso país. O fortalecimento da classe média na sociedade finlandesa desde o início do século XX introduziu a mentalidade de que a educação (mais que as origens familiares) era o caminho para o avanço da sociedade e para a promoção da equidade social”, disse Eeva.

País extremamente pobre até a década de 1950, a Finlândia percebeu





que o principal recurso de que dispunha era o humano, decidindo, assim, investir o melhor de seus esforços para o desenvolvimento do potencial e das capacidades de cada cidadão finlandês, fosse ele adulto, jovem ou criança.

A partir da década de 1950, a Finlândia traçou novos caminhos para a educação, passando a investir fortemente no sistema educativo como um todo, e sua experiência mostra que focar em equidade e cooperação, não em distinção e competição, leva a um sistema educacional em

que todos ganham, em que todos aprendem continuamente. Atualmente, a Finlândia é considerada um exemplo mundial em Educação, destacando-se nas primeiras posições dos principais rankings, como o Programme for International Student Assessment (PISA), o Índice de Educação Global, da ONU, e o Relatório de Competitividade Global, divulgado pelo Fórum Econômico Mundial. ◊

Reportagem escrita a partir de relatório da Coordenadora Regional de São Paulo, Eliana Pereira Aun.



FRANÇA

A missão pedagógica incluiu uma visita à própria sede da UNESCO, em Paris, onde o grupo foi recebido pela Coordenadora Internacional Sabine Detzel, pela ex-coordenadora Sigrid Niedmeyer e pelo membro da delegação permanente brasileira na UNESCO, Jeremias Martins.

Além de conhecer os principais espaços da UNESCO, com inúmeras obras de arte, como painéis de Miró e Picasso, o grupo teve a oportunidade de conversar por longo tempo com Sabine sobre os objetivos do PEA.

A educação na Finlândia: os pontos principais

TRADIÇÃO NA POLÍTICA EDUCATIVA

- Equidade, qualidade para todos, focada no bem estar dos alunos.
- Leis educacionais com base no estabelecimento de metas por meio de consenso político.
- Rigorosa formação de professores e alta qualidade em capacitação e treinamentos. Todos os professores têm mestrado, ao menos.
- Comprometimento, independência e responsabilidade local, com grande autonomia das escolas.
- Currículos de apoio, normas e avaliações.
- Mantêm grande prestígio em torno da profissão. A carreira de professor é escolhida pelos alunos mais bem preparados.

FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

- Capacitação contínua para todos em nível universitário.
- Pesquisas baseadas na formação dos professores.
- Capacidade para trabalhar de forma transversal com todas as áreas do saber.
- Mantêm alunos altamente motivados e sabem reconhecer múltiplos talentos.

AValiação DOS ALUNOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

- A avaliação tem o propósito de apoiar e orientar o processo de aprendizado, ajudar o aluno a formar uma autoimagem realista e informar os alunos e pais a respeito do seu progresso.
- Não há avaliação nacional no nível básico.

FLEXIBILIDADE EM TODOS OS NÍVEIS

- Disciplinas opcionais e voluntárias no nível básico.
- Plano de estudos individuais no nível secundário, com base em cursos sem anos/séries específicos.
- Os estudos incluem aulas obrigatórias e opcionais extras de acordo com a escolha do aluno (eletiva).
- O programa secundário é de 3 anos, mas os estudos podem ser concluídos em dois, três ou quatro.
- Muitos caminhos para a universidade ou escola politécnica.

APOIO AO APRENDIZADO

- Classes pequenas desde os primeiros níveis de ensino.
- Sistema efetivo de apoio para todos
- Ensino suplementar (aulas de reforço)

CONTEÚDO DO CURRÍCULO ESCOLAR

- Declaração da missão e das prioridades, princípios e valores.
- Principais características da cultura operacional (aprender fazendo), o ambiente de estudo e métodos de trabalho.
- Aconselhamento e orientação do plano.
- Integração interdisciplinar e temas transversais diversos.
- Distribuição das horas de aula.
- Objetivos e conteúdos do núcleo comum por matéria e curso.
- Princípios de estudo independente e autônomo.
- Cooperação com os alunos, pais ou responsáveis.
- Cooperação com instituições vocacionais e outras escolas de ensino secundário.
- Cooperação com outros corpos de instituições educacionais.
- Educação para alunos com necessidades especiais.
- Ensino da língua para diferentes grupos culturais.
- Serviço para o bem estar do aluno (orientação educacional e serviço psicológico).
- Avaliação da aprendizagem dos alunos.
- Desenvolvimento contínuo e avaliação das operações de pensamento e ação.



educate

by **Richmond**



**CONFIRA A AMPLITUDE DO
NOSSO PROGRAMA BILÍNGUE**



**Experiência de
aprendizagem completa**



**Certificações
internacionais**



**Desenvolvimento
profissional progressivo**



**Assessoria
de marketing**

Parcerias estratégicas



Mais do que falar bem uma nova língua, é viver novas experiências.

Educate Bilingual Program é o novo programa bilíngue que possui a força da marca Richmond e que nasceu com a missão de empoderar seus alunos para serem, de fato, cidadãos globais. Educate é uma experiência única, com infinitas possibilidades para seus alunos e para sua escola!



Ano termina com o pé direito:

Antônio Nóvoa conversa com diretores do PEA

No final de 2016, o PEA recebeu um verdadeiro presente de Natal. A rede teve a honra de receber para uma conferência exclusiva o educador português Antônio Nóvoa. De passagem pelo Brasil, ele aceitou o convite do PEA e realizou uma apresentação sobre Formação de Professores para um auditório mais do que lotado.

Tudo se passou no espaço de poucos dias, e por isso não houve tempo hábil de convidar as escolas de todo o Brasil. Mas o vídeo está disponível para todos no site do PEA.

A conferência de Nóvoa representou, dessa maneira, um fechamento com chave de ouro para os trabalhos em 2017 - e uma colher de chá para antecipar o que acontecerá em 2017.

Para um público entusiasmado, que extrapolou todas as previsões, Nóvoa mostrou que o professor do século XXI será cada vez mais tutor e a escola deixará de ter a tradicional sala de aula para dar lugar a grupos diversos de estudo. “Vamos deixar de falar em alunos para pensar em estudantes, ou seja, aqueles que estudam em casa, na escola e nos mais diferentes grupos e lugares”, disse o pesquisador.

A ideia parece futurista, mas está cada vez mais próxima da nossa realidade, segundo o reitor honorário da Universidade de Lisboa e um dos intelectuais de maior circulação no debate pedagógico atual, diz Nóvoa.

Não é fácil equilibrar inovação e tradição. Será que depois de 30 anos de carreira um professor ainda tem o que aprender? Nóvoa garante que sim e observa que a resistência



só encontra lugar quando não há um sentido para mudar. “Quando dizemos que um professor tem 30 anos de experiência, será que tem mesmo? Ou tem um ano de experiência repetido trinta vezes?”, brincou o doutor em Ciências da Educação.

O professor deve enxergar a escola não só como o lugar onde ensina, mas o local onde aprende. “Sem pertencimento, não há qualquer



possibilidade de nos formamos como professores”, comentou o reitor, para quem a atualização e a reprodução de novas práticas só surgem a partir de uma reflexão partilhada, e é no espaço concreto de cada escola e em torno das questões pedagógicas e educativas reais que se desenvolve a verdadeira formação.

Para o especialista, a formação de professores deve assumir uma prática centrada na

aprendizagem dos alunos e no estudo de casos concretos; conceder aos professores mais experientes um papel central na formação dos mais jovens; dedicar atenção especial às dimensões pessoais e trabalhar a capacidade de relação e comunicação que define o tato pedagógico; valorizar o trabalho em equipe e o exercício coletivo da profissão; e estar marcada por um princípio de responsabilidade social que favorece a comunicação e a participação dos professores no espaço público da educação.

Enfim, ser professor no século XXI é reinventar um sentido para a escola, tanto do ponto de vista ético quanto cultural. Um desafio perfeitamente possível e motivador para quem nasceu para formar. ◇

Educação Bilíngue

para a cidadania global

Em um contexto global cada vez mais integrado do ponto de vista da economia, da cultura e das relações entre os países; em um tempo em que a humanidade se dá conta de que o conceito de cidadania deve ser ampliado para uma dimensão planetária, o aprendizado do Inglês se tornou uma competência essencial para todo projeto pedagógico de educação básica.

Daí a importância crescente do ensino bilíngue, que se tornou um diferencial considerado por todas as famílias que sonham com o melhor futuro possível para seus filhos, no mundo complexo do século XXI.

Muitas escolas podem dizer: mas aqui já oferecemos o Inglês. Ocorre que entre a oferta do Inglês na matriz curricular e a proficiência há uma grande distância. Assim como é bem diferente pensar no idioma como segunda língua ou como um ambiente de imersão, que permite efetivamente o trânsito cultural, muito mais profundo que o domínio instrumental de algumas chaves linguísticas.

O ensino bilíngue pressupõe um conjunto de estratégias, métodos e procedimentos coordenados entre si e afinados com o projeto pedagógico da escola. Requer materiais inovadores, conteúdos didáticos planejados e, principalmente, conceitos e abordagens metodológicas sólidas.

Afinal, o ensino de idiomas deve ser transformador e necessariamente precisa desenvolver em sala de aula valores e competências que irão formar o cidadão do século XXI. Por isso acreditamos em um projeto que, além de assegurar o aprendizado de Inglês, prepare o aluno para desafios pessoais e profissionais do futuro.

Um projeto bilíngue de qualidade deve se preocupar com o trabalho colaborativo em equipe; a solução criativa de desafios por meio

do desenvolvimento de pensamento crítico; a solidariedade e ética nas relações sociais e profissionais; a discussão de valores, e, por fim, o uso do Inglês para viabilizar a comunicação eficaz em contexto com vistas à internacionalização da educação.

Essa abordagem permite tornar a aprendizagem mais eficaz e assegurar a sustentabilidade da motivação do aluno e dos professores em longo prazo.

Partindo do pressuposto que a aprendizagem implica no desenvolvimento de um conjunto integrado de competências baseadas nos 4 pilares da UNESCO, ou seja, aprender a conhecer, a conviver, a ser e a agir, chegamos à conclusão de que a educação deve ser pensada a partir do desenvolvimento de competências para ir ao encontro das necessidades do aluno, centro do processo ensino-aprendizagem, e tornar-se relevante à sua formação como cidadão contemporâneo.

Os 4 Pilares da Educação da UNESCO influenciam decisões pedagógico-acadêmicas como o estabelecimento de metas e objetivos do programa; a determinação de abordagem metodológica; o desenho de conteúdo programático; a determinação de estratégias de ensino-aprendizagem e a escolha de estratégias de avaliação formativa e somativa.

A aplicação dos conceitos contidos nos 4 Pilares permite que o conteúdo e a forma de aprendizagem do nosso currículo sejam inteiramente relevantes ao aluno como indivíduo e membro da sociedade do século XXI.

Além dessa base conceitual, é preciso que seja definida uma abordagem metodológica que permita se atingir os objetivos pedagógicos definidos. A abordagem CLIL (Content and Language Integrated Learning), por exemplo, promove de maneira equilibrada a

“ O ensino de idiomas deve ser transformador e necessariamente precisa desenvolver em sala de aula valores e competências que irão formar o cidadão do século XXI ”

integração curricular entre o uso e aprendizado de uma segunda língua, como meio de instrução, ao mesmo tempo em que aprofunda a aprendizagem de outras áreas de conhecimento ou disciplinas.

O CLIL baseia-se em 4 C's (Comunicação, Conteúdo, Cognição e Cultura), e assegura que no decorrer do processo ensino-aprendizagem dois focos distintos, paralelos e complementares serão observados. O primeiro visa o aprendizado do idioma, enquanto que o segundo busca aprofundar a aprendizagem de conteúdos curriculares.

Temos conceito e método, mas nada se faz sem que se forme e desenvolva professores capazes de orientar alunos dentro de programas bilíngues inovadores e criativos.

O principal papel do educador dentro de um programa bilíngue é o de mediador do processo de aprendizagem. Ou seja, os professores terão de mediar não somente a necessidade linguística do alunado, mas também, a geração de ideias, a intermediação da negociação de significado (linguagem e conteúdo) e de conceitos (cultura e cognição).

Além disso, desempenharão papel importante na orientação e resolução de problemas, apoiando o aluno no processo de aprendizagem das disciplinas integradas, as-

segurando que tanto o segundo idioma quanto os conteúdos sejam percebidos de maneira bem-sucedida.

Os professores ainda devem assegurar a fluência da segunda língua, a consciência do aluno dos objetivos a serem alcançados e ser responsável por planejar uma aula que reflita o seu contexto, a realidade local da instituição educacional e, o mais importante, as necessidades dos alunos.

Por isso, investir na preparação do professor, com materiais adequados, traz como consequência o desenvolvimento de educadores mais completos, em todas as dimensões. Tudo isso faz parte de um projeto bilíngue. Como dissemos no início, isso é muito mais do que simplesmente ensinar o Inglês.

VIRGINIA GARCIA TEM AMPLA EXPERIÊNCIA COMO EDUCADORA, GESTORA EDUCACIONAL, E EDITORA DE CONTEÚDOS DIDÁTICOS. POSSUI MESTRADO EM GESTÃO E DESENVOLVIMENTO DE CURRÍCULO PELA UNIVERSIDADE DE READING NA GRÃ BRETANHA E MBAs EM BOOK PUBLISHING PELA FGV DO RIO DE JANEIRO E PELA HENLEY MANAGEMENT SCHOOL NA GRÃ BRETANHA. É GESTORA DO SETOR DE PUBLISHING RESEARCH & DEVELOPMENT DA INTERNATIONAL SCHOOL.

A LIFE CHANGING SCHOOL

MUITO MAIS QUE UMA ESCOLA, UMA NOVA VISÃO DO MUNDO.

O **Cel.Lep**, uma das maiores e mais reconhecidas escolas de idiomas no Brasil, com mais de 50 anos, comprou recentemente a **MadCode**, uma das principais redes nacionais de ensino de programação para crianças e adolescentes.

Conectados às principais tendências mundiais de Educação, o Cel.Lep e a MadCode, juntos, abrirão um novo caminho no desenvolvimento de duas competências importantes: **o inglês e a programação**, fundamentais para o futuro das novas gerações.

Transformar jovens em pessoas curiosas, questionadoras e com senso crítico: é esse o tipo de cidadão que o Cel.Lep e a MadCode querem formar.



www.cellep.com



www.madcode.com.br



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Coordenação Brasil



Escolas Associadas da UNESCO

PATROCÍNIO:



APOIO:



AGRADECIMENTO:



www.peaunesco.org.br

Representação da UNESCO no Brasil

SAS Quadra 5 – Bloco H – Lote 6 | Ed. IBICT/UNESCO – 9º andar
CEP 70.070-914 – Brasília – DF – Brasil
Tel. (61) 2106 3500 | FAX (61) 3322 4261

Coordenação do PEA — Programa Escolas Associadas

Rua Duque Costa, 164 | Jardim Marajoara – São Paulo – SP
CEP 04671-160 – Brasil
Tel. (11) 5685 1488 | FAX (11) 5686 7084